

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE GESTÃO
ADMINISTRAÇÃO

ONASSIS FELIPE DA SILVA

INFLUÊNCIA DA CHINA NO ARRANJO PRODUTIVO LOCAL DO POLO DE
CONFECÇÕES DO AGRESTE PERNAMBUCANO

CARUARU

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE GESTÃO
ADMINISTRAÇÃO

ONASSIS FELIPE DA SILVA

INFLUÊNCIA DA CHINA NO ARRANJO PRODUTIVO LOCAL DO POLO DE
CONFECÇÕES DO AGRESTE PERNAMBUCANO

Trabalho apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Administração, da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, como requisito parcial para aprovação na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso.
Orientadora: Prof. Dra. Alane Alves Silva.

CARUARU
2016

Catálogo na fonte:
Bibliotecária – Simone Xavier CRB/4 - 1242

S586i Silva, Onassis Felipe da.

Influência da China no arranjo produtivo local do Polo de confecções do Agreste pernambucano. / Onassis Felipe da Silva. – 2016.

91f. il. ; 30 cm.

Orientadora: Alane Alves Silva

Monografia (Trabalho de Conclusão de Pernambuco) – Universidade Federal de Pernambuco, CAA, Administração, 2016.

Inclui Referências.

1. Clusters (agrupamentos). 2. China. 3. Confecções – Agreste (PE). 4. Indústria têxtil. I. Silva, Alane Alves (Orientadora). II. Título.

658 CDD (23. ed.)

UFPE (CAA 2016-122)

ONASSIS FELIPE DA SILVA

INFLUÊNCIA DA CHINA NO ARRANJO PRODUTIVO LOCAL DO POLO DE
CONFECÇÕES DO AGRESTE PERNAMBUCANO

Este trabalho foi julgado adequado e aprovado para a obtenção do título de graduação
em Administração da Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico do
Agreste

Caruaru, 07 de julho de 2016.

Prof. Dr. Cláudio José Montenegro de Albuquerque
Coordenador do Curso de Administração

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a. Alane Alves Silva
Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico do Agreste
Orientadora

Prof.^a Dr.^a. Luciana Cramer
Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico do Agreste
Banca

Prof.^a Dr.^a. Maria Auxiliadora do Nascimento Mélo
Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico do Agreste
Banca

DEDICATÓRIA

Dedico essa obra, em bom “pernambucquês”, a “painho” e “mainha”.

EPÍGRAFE

“A economia atual não é apenas uma arte para estabelecer empresas lucrativas, mas uma ciência capaz de ensinar os métodos de promover uma melhor distribuição do bem-estar coletivo. ”

Josué de Castro.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, Jesus, Alá, Buda, Xangô, pois a verdadeira religião é fazer o bem e colher o bem independente da divisão religiosa, pelas forças para concluir esse projeto.

Aos meus pais, Irany e M. Felipe, a quem devo o que hoje conquistei; e por acreditarem em mim, sem esse apoio, não seria possível concluir mais este objetivo.

Às minhas irmãs, Nirhvana e Deyse, sua ajuda foi fundamental para concretização da minha graduação.

Aos amigos/irmãos que compartilhei apartamento e dividi experiências nessa longa jornada em Caruaru, Igor, Ronni, Italo, Rodrigo e Vagner, uma família que adquiri na Universidade, são vários como não podemos lembrar de todos em texto podemos lembrar presencialmente, são como pilstras para o meu sustento motivacional, em especial a Islane, Iris, Mannu, Caio, Rubi, Douglas, Rafael, Tomilho, Pity, Rui, Thiago e Seu Tadeu, o meu combustível para continuar esse sonho, compartilhando experiências de vida e histórias marcantes, a UFPE, o Jamba e todo o carinho evolvido na minha vida acadêmica.

À Universidade Federal de Pernambuco, às lutas, conquistas que participei, por uma universidade melhor, sempre visando desenvolvimento acadêmico, lutando com os companheiros; Nélio, Osmar, Lúcia, M. Guedes e toda a gestão administrativa do CAA, durante cinco anos para universidade mais igualitária entre os gêneros e as raças, almejando proporcionar uma educação de ótima qualidade para o semiárido pernambucano.

A minha orientadora, Alane Alves, uma estrela primeira grandeza, uma mulher admirável, calma e muito trabalhadora como o povo nordestino, obrigado pelas contribuições, carinho disponibilidade para ajudar, aos meus mestres da vida, professores; Francisco, Mário, Luciana, Cláudio, Dora, Rosa, Silvana.

A todos, muito obrigado pela oportunidade de conviver com vocês, hoje sou um administrador completo por conta de vocês, da luta vem a vitória.

RESUMO

A cultura de confecções de peças de vestuário faz parte do contexto social e econômico do Agreste pernambucano. A partir do espírito empreendedor dos atores que atuam no Polo de Confecções – empresários e confeccionistas –, os retalhos de roupas e tecidos descendentes do Sudeste do Brasil moldaram todo um comportamento no semiárido. A pujança econômica surgiu como alternativa onde antes a agricultura familiar era a principal atividade, a região foi ganhando força produtiva e notoriedade por conta da produção de peças. Segundo o SINDIVEST - Sindicato das Indústrias de Vestuário de Pernambuco, esse é o segundo maior Polo de Confecções do Brasil, cujo fluxo produtivo pode sofrer diversas ameaças. Com isso, este trabalho tem como objetivo apresentar um estudo sobre a influência da importação de produtos que fazem parte do mercado têxtil e de confecções oriundos China na força produtiva do Arranjo Produtivo Local do Polo de Confecções do Agreste pernambucano, através de uma análise da percepção dos empresários da região sobre o impacto de produtos importados.

Palavras-chave: APL, agreste pernambucano, China, polo das confecções, roupas.

ABSTRACT

The culture of making clothes is part of the social and economic context of rural Pernambuco. From the entrepreneurial spirit of the actors who work in the garment polo - businessmen and clothing manufacturers - the patchwork clothes and fabrics descendants of southeastern Brazil have shaped an entire behavior in semiarid region. Economic strength has emerged as an alternative where before family farming was the main activity, the region was gaining productive power and notoriety due to the production of parts. According to SINDIVEST - Sindicato das Indústrias de Vestuário de Pernambuco, this is the second largest clothing polo Brazil, whose production flow can suffer various threats. Thus, this work aims to present a study on the influence of import products that are part of the textile market and China coming clothing in the production of local productive arrangement force clothing cluster of rural Pernambuco, through a perception analysis entrepreneurs of the region on the impact of imported products.

Keywords: APL, agreste pernambucano, China, clothing, clothing cluster.

LISTA DE FIGURAS

Figura 2.1 – Estrutura da CTC.....	29
Figura 2.2 – Origem das importações de confecções – EUA – em US\$ milhões.....	31
Figura 2.3 - Pernambuco – Concentração por empresas de confecções.....	41
Figura 3.1 - Importações brasileiras da China de tecidos especiais, impregnados e de malha - 1990/2010.....	56

LISTA DE QUADROS

Quadro 2.1 - Classificação de empresas por porte.....	40
Quadro 3.1 - Planos quinquenais da RPC.....	50
Quadro 3.2 - Principais produtores de Têxtil e Vestuário – 2010.....	52

LISTA DE TABELAS

Tabela 2.1 - Exportações mundiais de confecções (em US\$ bilhões) – maiores exportadores.....	30
Tabela 2.2 - Custos de mão de Obra – países produtores de confecção.....	32
Tabela 2.3 - Empregos na CTC – países produtores de confecções.....	33
Tabela 2.4 - Totais por segmento da CTC – Base 2004.....	36
Tabela 2.5 - Nordeste – Empregos formais no setor de confecções.....	39
Tabela 2.6 - Pernambuco - Número de empresas por porte.....	40
Tabela 2.7 - BRASIL - PIB por unidade da Federação (em milhões de Reais- base 2003).....	46

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 3.1 - Países exportadores de têxteis e vestuário (US\$ bilhões) em 2011.....	53
Gráfico 3.2 - Balança comercial Brasil-China na década de 2000 (em bilhões de dólares)	56
Gráfico 5.1 – Amostra.....	65
Gráfico 5.2 – Nível de formalidade em todo o Polo de Confecções.....	66
Gráfico 5.3 – Nível de formalidade entre as cidades do polo.....	66
Gráfico 5.4 – Relacionamento entre empresários do APL.....	67
Gráfico 5.5 – Avaliação, notas de 1 a 5 (péssimo a ótimo) para a participação das entidades envolvidas em todo o polo.....	68
Gráfico 5.6 – Avaliação, notas de 1 a 5 (péssimo a ótimo) para a participação das entidades envolvidas na cidade de Toritama-PE.....	69
Gráfico 5.7 – Avaliação, notas de 1 a 5 (péssimo a ótimo) para a participação das entidades envolvidas na cidade de Santa Cruz do Capibaribe-PE.....	70
Gráfico 5.8 – Avaliação, notas de 1 a 5 (péssimo a ótimo) para a participação das entidades envolvidas na cidade de Caruaru-PE.....	71
Gráfico 5.9 – Dificuldades presentes no APL de confecções.....	72
Gráfico 5.10 – Concorrência externa.....	73
Gráfico 5.11 – Empresas que importam produtos e matéria prima no Polo de Confecções do Agreste pernambucano.....	73
Gráfico 5.12 – Empresas que importam produtos e matéria prima em Santa Cruz do Capibaribe.....	74
Gráfico 5.13 – Empresas que importam produtos e matéria prima em Caruaru.....	74
Gráfico 5.14 – Empresas que importam produtos e matéria prima em Toritama.....	75
Gráfico 5.15 – Análise das empresas do polo no ano anterior, tendo como base o ano de 2015.....	76
Gráfico 5.16 – Avaliação do impacto dos produtos chineses na região do polo.....	77
Gráfico 5.17 - atividades utilizadas pelos empresários para competir com os produtos chineses.....	77

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABIT – Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção
ABRAVEST – Associação Brasileira da Indústria de Vestuário
ACIC – Associação Comercial e Industrial de Caruaru
AD/Diper – Agência de Desenvolvimento Econômico de Pernambuco
APL – Arranjo Produtivo Local
ASCAP – Associação dos Confeccionistas de Santa Cruz do Capibaribe
ASCES – Associação Caruaruense de Ensino Superior
ASCIT – Associação Comercial e Industrial de Toritama
ATV – Acordo de Têxteis e Vestuários
CTC – Cadeia Têxtil e Confecções
FAFICA – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru
FAVIP – Faculdade do Vale do Ipojuca
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ITEP – Instituto de Tecnologia de Pernambuco
OMC – Organização Mundial do Comércio
SCC – Santa Cruz do Capibaribe
SEBRAE - Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SINDIVEST – Sindicato das Indústrias de Vestuários de Pernambuco
UFPE – Universidade Federal de Pernambuco
UPE – Universidade de Pernambuco

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO	16
1.1 PERGUNTA DE PESQUISA	18
1.2.1 Objetivo Geral	19
1.2.2 Objetivos Específicos.....	19
1.3 JUSTIFICATIVA	19
CAPÍTULO 2 - REFERENCIAL TEÓRICO	21
2.1 ARRANJO PRODUTIVO LOCAL (APL)	21
2.2 PRINCIPAIS ATORES NO APL DO POLO DO AGRESTE.....	23
2.3 CADEIA TEXTIL E DE CONFECÇÕES – CTC NO MUNDO	25
2.4 A HISTÓRIA DA CADEIA TÊXTIL E DE CONFECÇÕES NO MUNDO	26
2.5 INDÚSTRIA DE MANUFATURADOS TÊXTEIS	27
2.6 CADEIA DE CONFECÇÕES NO MUNDO	31
2.7 CADEIA DE CONFECÇÕES NO BRASIL.....	34
2.8 CADEIA DE CONFECÇÕES NO NORDESTE BRASILEIRO.....	37
2.9 CADEIA DE CONFECÇÕES EM PERNAMBUCO	38
2.10 POLO DE CONFECÇÕES DO AGRESTE PERNAMBUCANO.....	42
2.10.1 Design como aspecto competitivo.....	45
2.10.2 Demografia e economia.....	46
2.10.3 Caruaru	47
2.10.4 Santa Cruz do Capibaribe.....	48
2.10.5 Toritama.....	49
CAPÍTULO 3 - HISTÓRIA E A INFLUÊNCIA E DA CHINA EXERCIDA NO MUNDO	50
3.1 A ABERTURA COMERCIAL DA CHINA	50
3.2 CHINA E SUA INFLUÊNCIA NA ECONOMIA BRASILEIRA	55
3.3 IMPACTOS DAS EXPORTAÇÕES NO SETOR TÊXTIL E DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO.....	58
CAPÍTULO 4 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	60
4.1 METODOLOGIA	61
4.2 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	61

4.3 TIPOS DE FONTES	62
4.4 UNIVERSO E AMOSTRA.....	63
4.5 ESTRATÉGIA DE COLETA DE DADOS.....	64
CAPÍTULO 5 - ANÁLISE DOS DADOS NO POLO DE CONFECÇÕES DO AGRESTE.....	66
5.1 CARACTERIZAÇÃO DAS EMPRESAS.....	66
5.2 IDENTIFICAÇÃO DO APL DO POLO DE CONFECÇÕES	68
5.3 IDENTIFICAÇÃO DA CONCORRÊNCIA EXTERNA	73
CAPÍTULO 6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
7 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	83

CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO

O Brasil é um país que detém o sexto maior parque têxtil do mundo (ZACOMPÉ *et al*, 2010), onde estão inclusas mais de 30 mil empresas e uma cadeia de produção voltada para tecelagens, fiações, tinturarias, estamparia e confecções que contribuem para formação de 1,6 milhões de empregos formais e informais. Isso caracteriza o setor como o segundo maior empregador formal da indústria de processo e transformação no país, uma fatia participativa de 5,2% do faturamento total da indústria de transformação.

Esses números despertam o interesse de mercados externos, visando o Brasil como uma nação promissora em desenvolvimento a ser explorado. Os números de empresas formalizadas e taxas de importações elevadas, porém, não impede a aumento da importação de matéria prima e a entrada de novos produtos manufaturados de outros países, a exemplo da China.

Muitas vezes esse interesse externo de comercializar no Brasil, faz com que os empresários percam espaço na fatia de mercado que ele detém ou participam, isso por conta de colocar no mercado um produto elaborado com uma qualidade têxtil inferior, oriundo da China ou até mesmo produzido na região onde situa-se a empresa. Em certos casos, esses produtos seguem padronizados com baixa performance em inovação e na criação de novos modelos, ou seja, até falsificando marcas famosas para se adaptar a cultura imposta pelo material importado da China ao custo menor.

Isso faz com que os preços despenquem, promovendo a desigualdade na competição com a China, um país bastante populoso que usufrui de mão de obra barata sendo repassado no valor do produto final, ficando difícil de ter condições de competir comercialmente com essa mão de obra alterando a cadeia econômica de outras regiões.

Esse estudo busca avaliar a influência do mercado chinês no Arranjo Produtivo Local do Polo de Confecções do Agreste pernambucano. O contexto desse trabalho visa estudar e avaliar a cadeia produtiva na região, nos municípios de Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe, Toritama, onde se concentra a maior parte das empresas do APL, servindo como referência para as demais cidades que integram o Polo de Confecções pernambucano: Agrestina, Vertentes, Riacho das Almas, Brejo da Madre de Deus, Taquaritinga do Norte, Cupira e Surubim.

A região tem um enorme potencial de desenvolvimento envolvendo diversas cidades do Agreste pernambucano. A partir do foco investigativo desse trabalho, busca-

se analisar como essa interação surgiu e a sua influência na atualidade. O polo têxtil do Agreste se iniciou a partir da feira da Sulanca (termo oriundo retalhos dos tecidos trazidos do sul do país “*Sul-Helanca*”) e o seu crescimento foi induzido com a atividade complementar da agricultura, isso acarretando em um crescimento vertiginoso no setor. Investimentos em máquinas, equipamentos e capacitação são fatores que fizeram esse processo tomar uma maior amplitude na região, criando um clima cultural em cadeia produtiva no Agreste pernambucano onde diversas empresas interagem, tornando-se um arranjo produtivo de confecções.

A partir da temática de inserção do capital e produtos chineses no Polo de Confecções do Agreste pernambucano, diversos empresários da região entram em um dilema: tornar um produto competitivo com boa parte da cadeia produtiva elaborada na região ou obter tecnologias e matérias-primas provenientes da China? Com isso o empresário pode buscar alternativas perante o mercado consumidor, como comprar matéria prima chinesa com mão de obra barata e custos baixos, bem como comprar o produto final e, com isso, enfraquecendo a capacidade produtiva local.

É o que afirma Porter (1989) ao citar que o verdadeiro objetivo da vantagem competitiva é buscar sua fatia de mercado, adquirir um espaço no seu campo e atuação, manter como foco e lucratividade, sustentabilidade empresarial, com isso projeta uma constante melhora, inovação e mudança.

Esse impacto dos produtos baratos chineses concorrem diretamente com similares produzidos no polo. Além de caracterizar o Arranjo Produtivo Local da região, esse estudo pretende analisar como se dar essa influência da China no “polo”, o comportamento da cadeias produtivas do APL, ou seja, expor a lógica econômica e social que explica como formou-se, cresceu e se estruturou como um dos maiores polos de confecções do Brasil, seguindo um modelo que tem suas características a predominância de micro e pequenos empreendimentos é enorme, definir como de fato ocorre a relação do participantes do APL de confecções do Agreste pernambucano com esse novo entrante; o produto chinês (SILVA & CRAMER, 2012).

1.1 PERGUNTA DE PESQUISA

Porter (1998) correlaciona outras vantagens decorrentes da atuação em APL, com o intuito de contribuir para o aumento do potencial competitivo das organizações, ou seja, ganhos de escala; repatriação de riscos; diminuição de custos; agilidade na aquisição de informações; desenvolvimento de capacidades e habilidades via aprendizagem com os demais participantes; maior poder de barganha; e maior facilidade de exportação.

Levando-se em consideração o elevado panorama da economia chinesa e a abertura para o comércio internacional, este estudo visa analisar o impacto que capacidade produtiva da China e toda sua força econômica exercem no Polo de Confecções do Agreste pernambucano.

Afirmando a importância do estudo na região, verificou-se que poucos estudos acadêmicos são elaborados no contexto produtivo do semiárido pernambucano, uma difícil análise nesse sentido. Desde a denominação como “Polo de Confecções”, utilizado pelo SEBRAE (2013), é visto um crescente número de literaturas abordando o tema, mas a quantidade de estudos na região é muito baixa em relação ao Arranjo Produtivo Local e a importância a qual ele tem na região. Dessa forma, surgiu a seguinte questão: como a China influencia no Arranjo Produtivo Local do Polo de Confecções do Agreste pernambucano?

1.2 OBJETIVOS

A seguir, serão apresentados os objetivos da pesquisa.

1.2.1 Objetivo Geral

Após a definição do problema de pesquisa, este estudo tem- como objetivo geral:

- Analisar a influência chinesa sobre o modelo do APL de confecções do Agreste pernambucano.

Permite-se verificar o impacto do comércio internacional de artigos de segmentos têxtil e confecções na cadeia produtiva do Polo de Confecções do Agreste pernambucano e na economia vigente na região.

1.2.2 Objetivos Específicos.

- Analisar e caracterizar como a China exerce influência no comércio regional de confecções.
- Caracterizar o segmento de confecções de Pernambuco, focado no polo do Agreste.
- Diagnosticar o cenário atual da cadeia produtiva têxtil e de confecções do Agreste pernambucano sobre o impacto do produto chinês.

1.3 JUSTIFICATIVA

A crescente economia da China remete a pensar como será a real interferência no Polo de Confecções do Agreste pernambucano, visto que a região pouco investe em inovação de produtos. Buscar novas alternativas de mercado e implantar novos métodos produtivos de certa forma terá algum impacto já que a região do Polo de Confecções, com isso poderá perder em competitividade com novos entrantes, o principal dele

chineses, que alteram toda cadeia produtiva local com produtos baratos, através desse pensamento tende-se analisar o cenário atual e como os arranjos produtivos local estão se moldando para ganhar essa fatia de mercado e não ficar ultrapassado perante o comércio têxtil e de confecções internacional.

Pode-se identificar constantes mecanismos (formalização de empresas, treinamentos, capacitação de funcionários, infraestrutura melhor) utilizados pelos empresários pra não perder espaço competitivo, mas esse estudo não analisa somente o centro industrial como um aspecto solitário ou uma ilha produtiva, e sim como uma interação com o governo, dever de incentivos nos APL's pela esfera pública, o governo com sua parcela de responsabilidade a esse suporte ao Polo de Confecções do Agreste pernambucano, levando-se em consideração que o polo hoje é um dos maiores em confecções do Brasil, com um alto volume de peças produzidas. Mas, os valores agregados dessas peças são baixíssimos, impulsionados pela mão de obra barata e informalização, ou seja, conforme a produção do Polo de Confecções, uma peça produzida no Polo de Confecções do Agreste tem uma qualidade inferior, baixo nível de inovação e um alto grau produção em comparação a outros APL's do país.

Para isso, nos APL's deve-se avaliar a influência desses mercados de produtos importados, no caso da China, produtos com um valor agregado menor, interferindo no preço e na concorrência local. Com essa avaliação tende-se buscar alternativas para deixar um produto mais competitivo e forte mundialmente de modo eficiente, trabalhando de forma correta e formalizando as unidades produtivas, onde é possível se obter resultados positivos através do processo.

CAPÍTULO 2 - REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo serão explanados temas acerca do conceito de Arranjo Produtivos Locais. Pretende-se mostrar, a partir da reflexão de vários autores, a definição de conceitos importantes para este estudo e suas relações.

2.1 ARRANJO PRODUTIVO LOCAL (APL)

O conceito de Arranjo Produtivo Local (APL) foi criado tendo como pensamento duas experiências históricas que foram consolidadas nas décadas de 1980 e 1990, a partir do aumento da renda per capita nas regiões do Vale do Silício, na Califórnia, e os distritos industriais italianos. Com isso, passou a chamar atenção de organizações internacionais, como o Banco Mundial, envolvidas na promoção do desenvolvimento de países periféricos.

Para Barros (1999), Arranjos Produtivos Locais ou *clusters*, terminologia inicialmente utilizada, consolidando no parâmetro como ciência econômica, é caracterizado pela existência de aglomerados de quantidade potencialmente elevada de empresas produzindo para uma mesma cadeia produtiva. Já para o SEBRAE (2013), empresas em um mesmo território que apresentam uma especialização produtiva, e mantem algum vínculo de articulação, interação e cooperação entre si, mantendo uma aprendizagem constante com atores locais como, governos, associações, instituições de ensino e pesquisa, são características de um APL.

O ITEP - Instituto de Tecnologia de Pernambuco (2016), define que os “APL’s” são aglomerações de empresas localizadas em um mesmo território que apresentam especialização produtiva mantendo uma ligação de interação, cooperação e aprendizagem entre elas com fatores que imperam o contexto local como o governo, associações empresariais, instituições de crédito, ensino e pesquisa, com isso atende o real objetivo de um Arranjo Produtivo Local, que é dinamizar as estruturas empresarias gerando renda e emprego.

O conceito de APL vigente versa que o território é um importante critério de vantagem competitiva para as empresas que fazem parte da região, essas vantagens locais não são simplesmente vantagens genéricas, mas sim de setor-específica, ou

seja, logística de transporte, acesso ao crédito, política industrial e serviços (PORTER, 1998).

Pequenas e médias empresas são as principais dependentes da localização, porque, (1) geralmente tem mais dificuldades em abrir escritórios ou filiais em outros lugares, (2) possuem dificuldades de se deslocar por conta dos custos de investimento, (3) os proprietários precisam estar presente na empresa, gerando dificuldade nesse deslocamento empresarial, e, por último, porque (4) dependem muito das relações que implantam no local, o capital suficiente para obter certas escalas para suprir certos serviços e externalidade que encontram facilidade e segurança no local de atuação, o que em outros locais pode ser que essa empresa não exerça (SANTOS, 2004).

Ao longo dos anos o conceito de APL vem sendo apresentado a partir de abordagens análogas, a saber: distritos industriais, aglomerações produtivas/setoriais, redes locais, sistemas produtivos locais, sistemas locais de inovação, clusters, parques/polos tecnológicos, entre outras. Todas essas denominações têm em sua essência a ideia de que a aglomeração de produtores dentro de uma região é capaz de gerar vantagens competitivas, sendo fundamentais para a competitividade do arranjo a presença das pequenas e médias empresas, a proximidade geográfica, o elevado grau de confiança entre os agentes e o senso de cooperação. (CAMPOS *et al*, 2010).

No Brasil, o conceito de APL surgiu no final da década de 1980, adotando políticas específicas que visavam estimular o desenvolvimento de cidades brasileiras menos desenvolvidas e exploradas, resultado de uma adaptação do conceito mundial de *clusters*. Atraíam indústrias de todos os setores em busca de uma melhor infraestrutura, ofertado pelo poder público, mercado consumidor, boas condições de logística, mão-de-obra especializada, incentivos fiscais, entre outros (GALVÃO, 2000).

Entende-se como APL a aglomeração de empresas que atuam numa atividade principal correlata e complementar, dentro de um mesmo espaço geográfico, com isso o local, antes promissor, passou a ser visto como um eixo orientador de promoção econômica e social. A real importância é orientar e coordenar os esforços governamentais na indução do desenvolvimento local, buscando-se, em participação com as diretrizes estratégicas do governo, a geração de emprego e renda e o estímulo às exportações (SEBRAE, 2013).

2.2 PRINCIPAIS ATORES NO APL DO POLO DO AGRESTE

Pode-se relatar o envolvimento de várias entidades atuando diretamente no desenvolvimento no Polo de Confeccões do Agreste pernambucano, cada entidade com sua contribuição e suas atribuições.

Para Araújo (2006), os principais atores presentes no APL de confecção do Agreste pernambucano, são:

- Poder Público: Prefeituras municipais das cidades envolvidas no polo e o governo do estado de Pernambuco. Total responsabilidade de fornecer bem-estar a população, infraestrutura necessária para a população que vive na região do APL e que se desloca para as cidades para realizar as compras. Para essas ações, cita-se a constante melhoria das vias e estradas de acesso à manutenção a segurança pública.
- Entidades privadas: nesse caso estão envolvidos o SEBRAE e as instituições que realizam apoio ao crédito, bancos. O SEBRAE tem o dever de realizar as ações iniciais no polo, a partir da identificação da região como Arranjo Produtivo Local, atuando em projetos, focando em resultados e o mapeamento local.

Conforme Barros (1999), as instituições de créditos e bancos, inserem as ações de realizar o financiamento da produção e da estrutura do APL, contrapartida os bancos precisam de garantias ao conceder o crédito, como no polo do Agreste muitos são informais, e tem como dificuldade a aprovação às exigências dos bancos.

- Organização de classe: Destaca-se o Sindvest/PE, ACIT - Associação Comercial e Industrial de Toritama, ASCAP - Associação dos Confeccionistas de Santa Cruz do Capibaribe, ACIC - Associação Comercial e Industrial de Caruaru.
- Empresários: é o elo final do APL, tem a responsabilidade pelo sucesso ou insucesso do desenvolvimento da região.
- Instituições de Ensino: SENAI, Universidades e Faculdades (UFPE, FAVIP, ASCES, UPE, FAFICA), Centro Tecnológico da Moda e, mais recentemente, o Armazém da Criatividade. A existência dessas instituições nas cidades do APL do Agreste tem como função atender à crescente demanda por profissionais capacitados das empresas locais.

Para Santos (2004), o Polo de Confeccões do Agreste pernambucano, do ponto de vista regional, visa principalmente desenvolver a região pouco explorada, mas com um grande potencial competitivo por possuírem bons insumos para a implantação da cadeia e outros tipos de vantagens logísticas.

Para Campos *et al* (2010), aglomeração muito presente na região do Agreste pernambucano são empresas associadas a uma cadeia produtiva, confeccões e vestuários no Polo de Confeccões do Pernambuco, essas empresas ligadas a cadeia, produzem etapas diferentes do processo produtivo. O APL de confeccões do Agreste é um *cluster* tradicional especializado em fabricação, ou seja, uma concentração regional de predominantemente micro, pequenas e médias empresas, concorrentes com intensa utilização de mão-de-obra, especializadas em alguns poucos itens de vestuário (casual, *surf*, *streetwear*, *jeans*, roupas infantis, moda íntima e moda praia) e serviços de produção.

Segundo o SEBRAE (2013), devido à concentração de produtores de roupas em cidades presentes no Polo de Confeccões, como Santa Cruz do Capibaribe, Toritama e Caruaru, décadas atrás, no começo da produção na região, chama-se o produto genérico fabricado no local como “*sulanca*”. O legado permanece ainda existem “feiras da *sulanca*” e já houve o “polo de *sulanca*”. Quando foi feito o estudo pelo SEBRAE antecessor em 2002, o termo teria caído em desuso. Mas ainda continua a se utilizar aparentemente não em documentos. Há um bom tempo se utiliza “APL de confeccões do Agreste”.

Existe outro contexto produtivo de confeccões em Pernambuco, fora do Agreste, em Recife, Jaboatão, Olinda, Abreu e Lima e Paulista Mas é inegável a extraordinária concentração espacial dessa atividade por volta do eixo formado por Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe, Toritama, Agrestina, Brejo da Madre de Deus, Caruaru, Cupira, Riacho das Almas, Santa Cruz do Capibaribe, Surubim, Taquaritinga do Norte, Toritama e Vertentes. Por estarem geograficamente concentradas, as unidades produtivas que se localizam nessas cidades e em outras muito próximas bem podem continuar a ser designadas “Polo de Confeccões do Agreste de Pernambuco” (SEBRAE, 2013).

2.3 CADEIA TEXTIL E DE CONFECÇÕES – CTC NO MUNDO

Dentre todas as épocas anteriores prósperas nos produtos manufaturados mundiais, de certo modo, as décadas de 1960 e 1970, servem como um “freio” nesse desenvolvimento, período atravessado com dificuldades em todos os setores intensivos em mão de obra dos países desenvolvidos. No setor têxtil e de confecções atravessavam grave crise, por conta das questões relativas à competitividade internacional, os aumentos dos custos com mão de obra, de energia e das matérias primas, somando a isso tudo várias restrições governamentais na área ambientais, regulamentações nas exigências sobre segurança de trabalho e padrões de consumos mundiais alterados conforme a vontade dos consumidores (BARROS, 1999).

Essa vontade gera tendências, com isso toda a indústria se molda a aquisição cada vez maior para o consumo de fibras químicas, sendo mais importante em questão da competitividade relacionada no cenário internacional. Com isso, uma maior dependência dos produtos em relação as variações aplicadas a moda, com a ampliação da *Supply Chain Management* deslocando as atividades da cadeia têxtil devem ser interpretadas e projetadas em um cenário caracterizado pelo surgimento de grandes *players*, como; China e Índia e alguns *losers*, ou seja, países pouco competitivos que prelo regime de quotas que permeava o comércio internacional de confecções até 01 de janeiro de 2005, conforme a OMC (2013).

Com o fim das quotas que ocasionou com o fim do ATC – *Agreement on Textiles and Clothing* ou Acordo Têxtil e Vestuários deparados aumentos significativos de bem-estar na população mundial, gerados pela queda dos preços bem como a alocação mais eficiente dos recursos de produção pelas nações, sobre a isenção de quotas, teriam seus produtos submetidos as questões do mercado (ARAÚJO, 2006).

Isso acarretou no aumento dos números de exportações de toda cadeia no mundo. Segundo a (OMC, 2013) o ano de 2004, o mundo comercializou US\$ 8,9 trilhões, dos quais US\$ 453 bilhões da cadeia têxtil e confecções – CTC. Deste total, US\$ 258 bilhões representam o comércio internacional de confecções (BARROS, 1999).

2.4 A HISTÓRIA DA CADEIA TÊXTIL E DE CONFECÇÕES NO MUNDO

Pode-se remontar a história da cadeia têxtil e de confecções no mundo, partindo do ponto de vista da necessidade básica do homem em vestir-se, este uso das “vestes” é considerado na maior parte do mundo como um representante do bom senso e da ética humana, devido à moldagem nos valores sociais da humanidade, mas de certa forma, se pode aliar o “vestir-se” como características de conforto, por necessidade, por praticidade e por questões culturais, isso incide que ao longo da história as vestes, intuitivamente indica o *status quo* de uma pessoa e o que ela representa hierarquicamente na sociedade (ARAÚJO, 2006).

De certo não se pode afirmar quando o homem na terra começou a utilizar roupas, um tempo estimado seria 100 mil anos, avaliando essa comparação histórica pelos mesmos motivos do contexto de vestir-se dos dias atuais, como proteção, aparência e *status* social, em comparação ao passado, um habitante poderia usar uma pele de urso para as regiões frias por necessidades protegendo do clima e das tempestades com as suas vestes identificava o quanto era sua habilidade como caçador, caracterizando-o (BARROS, 1999).

Parte-se do ponto onde esse conceito de “moda”, associado a indústria de confecção, passou se a inserir ao longo das décadas, ao passar dos séculos, com isso a ideia de proteção e necessidade apenas não imperava mais nas mentes humanas. No século XVI a real corte espanhola passava a ser referência em moda para toda a Europa, com isso moldando tendências de moda, já no século XVII os franceses tomaram conta desse conceito de moda, impondo tendências por suas vestes, e facilmente as roupas da nobreza francesa foi copiada em outros países (ARAÚJO, 2006).

O verdadeiro impulso da moda foi a partir da Revolução Industrial dos séculos XVIII e XIX na Inglaterra, essa revolução transformou os meios de fabricação das peças, toda cadeia de manufaturas onde antes era artesanal e manualmente, a criação de máquinas por ingleses como James Hargreaves, Samuel Crompton, sendo assim um dos pilares da revolução industrial, a capacidade dessas máquinas eram alarmantes para época, substituindo o trabalho de 200 homens, possibilitando uma produção em larga escala dos produtos manufaturados, adequando os preços tornando mais competitivos que os produzidos artesanalmente (SACHS, 2005 *apud* ARAÚJO, 2006).

Entretanto essa difusão foi aumentando conforme Barros (1999), o processo de

produção de roupas e tecidos espalhou-se pelo mundo, despertando o interesse do Estados Unidos, Alemanha e Japão. O setor têxtil foi o principal responsável pelos processos de industrialização em diversos outros países.

Conforme (ARAÚJO, 2006), no século XIX pode-se destacar a praticidade e o quanto as roupas ficaram leves e simples, utensílios como saias, camisas e calcinhas foram criados na década de 1870, logo virou tendência para as mulheres da classe trabalhadora. Jeans foram adotados por mineradores, fazendeiros e *cowboys* nos EUA.

Vale ressaltar que não foi apenas a revolução industrial inglesa que resultou no impulso do comércio do setor têxtil e confecções no mundo. A Inglaterra era uma potência industrial e militar naquele século de XVIII, mas antes disso no século anterior XVII quando a Companhia da Índias do Ocidente começou a ampliar suas rotas de comércio, “a Índia superava a Inglaterra como potência mundial de manufaturas, os tecidos e roupas apreciados e valorizados no mundo todo, exportando e criando o grosso do comércio mundial de têxteis e vestuários” (ARAÚJO, 2006).

No século XX, a China passava por revolução política e social, a industrialização passava por processo e estava em andamento, as cidades costeiras como; Xangai, são responsáveis pelo alto volume de exportações, somando-se a isso a alta população na década de 1910, essas cidades cresciam com o sucesso de suas exportações têxteis para o mundo de maneira avassaladora (OMC, 2013).

No Brasil a industrialização também teve como implantação a da atividade têxtil, pode-se destacar o período pós-guerra, na década de 50 onde, “a produção têxtil cresceu por todo o período da Segunda guerra Mundial. Em 1941, o Brasil era o maior produtor mundial de tecidos, tendo se tornado o principal fornecedor de têxteis para o mercado latino americano”. (GARCIA, 1994 *apud* ARAÚJO, 2006 *apud* CAMPOS, 2010).

2.5 INDÚSTRIA DE MANUFATURADOS TÊXTEIS

Cadeia Têxtil e de Confecções, CTC ou simplesmente indústria de manufaturados têxteis, dominam desde a produção de fibras têxteis até o fim de toda cadeia que completa com o produto final, acabado e confeccionado, essa cadeia é elaborada por um vasto ciclo de estruturas produtivas, intensidade de mão-de-obra e capital, para Barros (1999).

A CTC move todo um processo de operações que resulta na flexibilidade de maior organização da produção e a existência de empresas com escalas produtivas e níveis de atualização tecnológica. Tecnologia básica de alguns processos produtivos, permite que quase todos os países utilizem da fabricação de produtos têxteis (ARAÚJO, 2006).

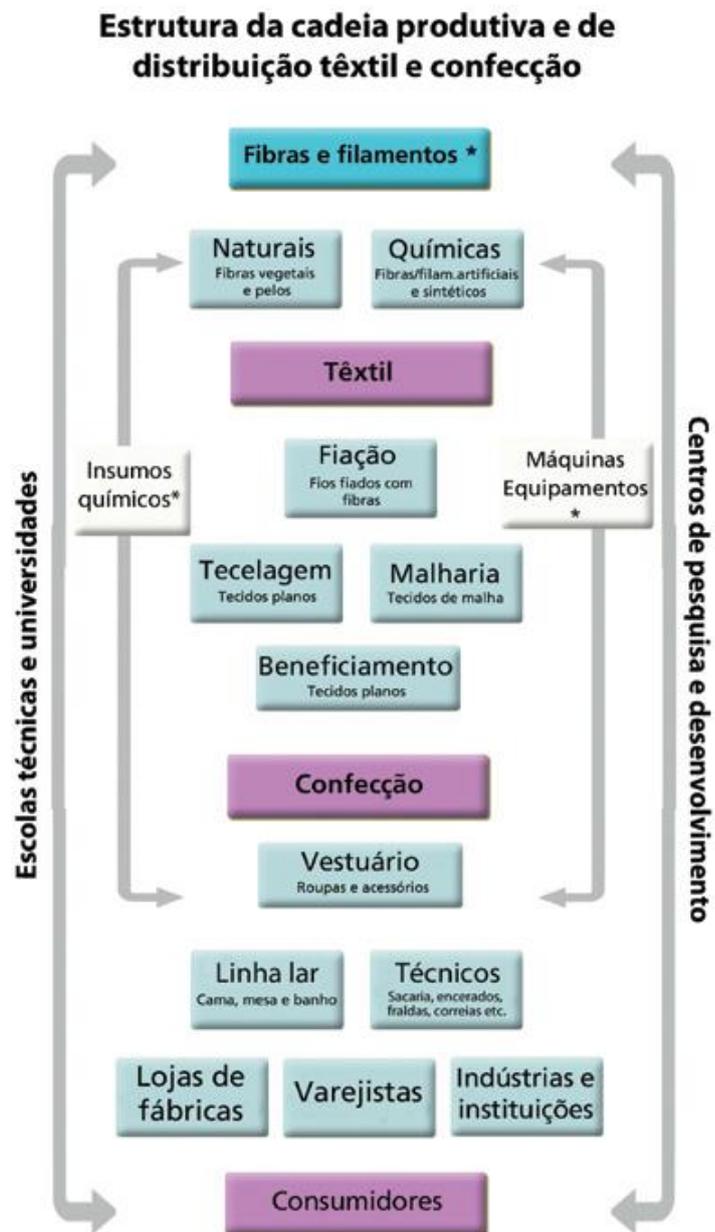
A seguir, classificações dos processos da estrutura da cadeia têxtil e de confecções, conforme ABIT (2011):

- Fibras naturais, oriundas e facilmente encontradas na natureza, necessitam de um maior cuidado produtivo para sua atualização. São exemplos o algodão (muito encontrado no Brasil, sendo um dos maiores competidores mundiais), a seda e o linho.
- Fibras artificiais, adquiridas para os métodos de regeneração da celulose natural, resultado de fibras como a viscose e o acetato.
- Fibras sintéticas, elaboradas a partir de processos químicos, como subprodutos do petróleo, como a nafta petroquímica, um dos mais representantes dessas fibras é o poliéster, a poliamida, o acrílico e o polipropileno.
- Fiação- é o método que une a transformação de fibras têxteis em fios, através de técnicas mecanicistas. São utilizados os filatórios que, ao longo do tempo as tecnologias impostas nesse processo tornaram a produtividade cada vez maior. Boa parte dessas máquinas utilizadas são oriundas da Alemanha, Japão e Suíça, acopladas com tecnologias bastante inovadoras. Esse investimento em tecnologia torna o processo produtivo mais caro por conta da tecnologia implantada nesses maquinários, necessitando de elevados investimentos iniciais para a implantação desse parque industrial, com isso, é considerado uma forte barreira perante a entrada de novas empresas, por conta desse alto grau de investimento.
- Tecelagem - Denomina-se esse processo por conta da produção em tecidos planos, sua maior característica é o entrelaçamento perpendicular de duas ordens de fio como método de fabricação que esse processo utiliza, os teares são equipamentos bastante utilizados nesse processo. Essa complexidade no processo implica em um alto grau de investimento, níveis tecnológicos e na quantidade de tecido gerado por unidade de tempo.

- Malharia- é muito parecido com o processo de tecelagem de tecidos planos, o que difere é o entrelaçamento, que nesse caso, um conjunto de fios no sentido da largura do tecido e no sentido do comprimento, ou seja, para elaborar todos esse processo, são utilizados teares retilíneos e circulares, tecnologias provenientes na maioria dos casos da Alemanha, Itália e EUA.
- Acabamento – processo responsável por retirar as impurezas geradas pelos processos anteriormente citados, para então realizar o tingimento ou o ato de estampar o tecido além de moldar as operações para controlar os níveis de estabilidade dimensional, suavidade, estética.
- Confecções- o final de toda a cadeia, é o que resulta no produto confeccionado, segundo a ABRAVEST Associação Brasileira da Industria de Vestuário, em 21 segmentos, podemos citar, artigos de cama, banho, mesa, copa, cozinha, até o segmento de vestuário, roupas para os diversos fins, dormir, praia/banho, roupas íntimas, profissionais, sócias, infantis e etc.

A seguir, na figura 2.1 a estrutura da cadeia têxtil e de confecções:

Figura 2.1 – Estrutura da CTC



Nota: (*) Segmentos fornecedores.

Fonte: ABIT/IEMI, 2011.

2.6 CADEIA DE CONFECÇÕES NO MUNDO

A maior relevância da cadeia produtiva de confecções no mundo é a enorme diversidade de tamanho de unidades produtivas, cada uma para atender sua demanda e necessidade, outro fator pode-se comentar é o fato da constante migração da produção e origens de fluxos de comércio, esse aspecto ainda mais significativo no setor de confecção, mais intensivo em mão-de-obra e menos exigente em escalas de produção (OMC, 2013).

Países como Japão Hong Kong, Taiwan, Coreia do Sul, países do Sudeste da Ásia (Indonésia, Filipinas, Tailândia, Malásia), países do sul da Ásia (Bangladesh, Paquistão), México, América Central e Caribe e mais recentemente China e Índia, são responsáveis, desde a década de 1950, por boa parte das exportações de confecções no mundo (ARAÚJO, 2006).

Segundo OMC (2013), como pode-se analisar na tabela 2.1 abaixo, houve um crescimento nas exportações de confecções ao longo dos anos, comparado ao comércio mundial essa escala é baixa, mas em 2004 mais de US\$ 258 bilhões foram exportados pelos diversos países de produtos confeccionados, como China, Índia e México.

A seguir, o volume de exportações nos anos 2002, 2003 e 2004 no mundo segundo a OMC (2013) na tabela 2.1:

Tabela – 2.1 Exportações mundiais de confecções (em US\$ bilhões) – maiores exportadores

Pais ou região	% do total de exportações mundo - 1995	2002	% do total de exportações mundo - 2002	% de suas exportações totais	2003	% do total de exportações mundo - 2003	% de suas exportações totais	2004	% do total de exportações mundo - 2004	% de suas exportações totais
Mundo	100%	200,85	100,00%	3,20%	232,48	100,00%	3,10%	258,1	100,00%	2,90%
China	15,19%	41,3	20,56%	12,70%	52,06	22,39%	11,90%	61,85	23,96%	10,40%
Índia	2,60%	3,94	1,96%	12,40%	4,1	1,76%	11,50%	4,45	1,72%	10,50%
Thailândia	3,16%	3,57	1,78%	4,90%	3,61	1,55%	4,50%	4,05	1,57%	4,20%
Bangladesh	1,24%	3,94	1,96%	67,80%	4,46	1,92%	62,30%	4,44	1,72%	54,50%
Turquia	3,86%	8,05	4,01%	39,50%	9,96	4,28%	21,30%	11,19	4,34%	17,70%
México	1,72%	7,75	3,86%	4,80%	7,34	3,16%	4,40%	7,19	2,79%	3,80%
EUA	4,20%	6,03	3,00%	0,90%	5,53	2,38%	0,80%	5,05	1,96%	0,60%
Indonésia	2,13%	3,94	1,96%	6,90%	4,1	1,76%	6,70%	4,45	1,72%	6,20%
Coreia do Sul	3,13%	3,96	1,97%	2,30%	3,64	1,57%	1,90%	3,39	1,31%	1,30%
Marrocos	0,50%	2,43	1,21%	30,40%	2,84	1,22%	32,50%	3,02	1,17%	30,90%
Romênia	0,86%	3,2	1,59%	23,40%	4,06	1,75%	23,10%	4,71	1,82%	20,10%
Brasil	0,19%	0,21	0,10%	0,50%	0,29	0,12%	0,40%	0,35	0,14%	0,40%

Fonte: OMC (2013)

Nota: Brasil relacionado apenas como comparação.

Na tabela acima pode-se ter uma comparação das exportações mundiais, é o aumento significativo entre os anos de 2002 onde foi exportado 200,85 bilhões, em 2003 o volume nas exportações de 232,48 bilhões, e o ano de 2004 onde 258,1 milhões de artigos de confecções foram exportados no mundo, consolidando a China como o país que mais exporta confecções no mundo, computando 61,85 bilhões por ano, uma participação de quase 24% do mercado mundial de exportações.

A OMC (2013) também relata, considerando os fluxos de comércios e confecções, o maior importador mundial são os Estados Unidos, tendo em base dados obtidos de janeiro a novembro de 2005 através do *US Department of Commerce, OTEXA*, computa que a China já teria 22% de *market share* das importações norte-americanas de confecções e o México, apesar de se beneficiar logisticamente, por conta da localização privilegiada e devido ao NAFTA (*North American Free Trade Área*, Acordo de Livre comércio das Américas), teriam singelos 8% do total de importações estadunidenses neste setor.

A China de maneira gradativa foi aumentando sua participação na economia norte-americana, ampliando as importações anualmente de artigos confeccionados, é o que se pode ver na figura 2.2 entre os anos de 1983 a 1998 para a OMC (2013):

Figura 2.2 – Origem das importações de confecções – EUA – em US\$ milhões

REGIÃO	1983	%	1990	%	1994	%	1998	%
China	759	8%	3439	13%	6338	17%	7180	13%
Tigres Asiáticos ²	5866	60%	10224	41%	9512	26%	9783	18%
Sudeste da Ásia ³	806	8%	3436	13%	5168	14%	7054	13%
Sul da Ásia ⁴	385	4%	1716	7%	3573	10%	5377	10%
América Central ⁵	389	4%	1985	8%	4538	12%	8349	15%
México	199	2%	709	3%	1889	5%	6812	13%
Resto do Mundo	1328	14%	4009	16%	5859	16%	9318	17%
TOTAL	9.731	100%	25.518	100%	36.878	100%	53.874	100%

Notas: 1 – Com exceção do Japão; 2 – Coreia do Sul, Xangai, Hong-Kong e Macau; 3 – Indonésia, Filipinas, Tailândia, Malásia e Cingapura; 4 – Índia, Bangladesh, Sri Lanka e Paquistão; 5 Rep. Dominicana, Honduras, El Salvador, Guatemala, Costa Rica, Jamaica e outros países do CBI.

Fonte: Gereffi (199, pág. 46) *apud* Araújo (2006).

Esse crescente de importações norte-americana da China apresentada na figura acima, pode-se dizer que, ocorre de fato migrações produtivas impulsionadas pela própria característica da indústria de confecções, responsável por chegar em nações pobres com poucos recursos tecnológicos, como uma grande alternativa de

desenvolvimento industrial e forte empregadora. Esse intercâmbio de mercadorias é presente desde a década de 1950, com isso algumas sérias restrições foram elaboradas para controlar as transações desse segmento de confecções que estava sujeito a quotas e tarifas elevadas de importação. O principal objetivo, era proteger a indústria dos países que importavam e consecutivamente os empregos que elas geravam internamente (ARAÚJO, 2006).

Outra característica é o fato que o comércio atingiu esse aspecto migratório a partir da relevância do pagamento de salários mais baixos motivados pela competitividade, em países poucos desenvolvidos além do mínimo do investimento, o treinamento simples, poucos requisitos para infraestrutura para a instalação da indústria desse segmento, conforme o quadro abaixo (ABRAVEST, 2004 *apud* ARAÚJO, 2006):

Tabela 2.2 – Custos de mão de Obra – países produtores de confecção

PAÍS	CUSTO DA MÃO-DE-OBRA US\$/hora	ENCARGOS SOBRE FOLHA DE PAGAMENTO %
Alemanha	21,94	
Itália	16,65	100%
Estados Unidos	12,26	
Hong Kong	4,90	
Portugal	4,77	
Turquia	1,95	30%
Tailândia	1,56	
México	1,50	65%
Brasil (sul)	2,40	117%
Brasil (Nordeste)	1,00	117%
China	0,52	10%
Índia	0,50	15%
Indonésia	0,24	22%

Fonte: ABRAVEST (2004) *apud* Araújo (2006)

Os preços baixos não justificam somente a competitividade internacional e a implantação de novos parques industriais nos diversos países, é o caso de Bangladesh, onde apesar dos níveis de salários serem 30% a 40% inferiores a China e na Índia, o país não usufruiu da pujança da mão de obra de extremo baixo custo (Barros, 1999).

A indústria têxtil e de confecções em vários desses países pobres como Bangladesh, países da África, da América Central e do Leste Europeu, foi motivada por acordos multilaterais, com preferências comerciais entre grandes importadores, como os Estados Unidos e a União Europeia, esses acordos viabilizam a entrada das

nações subdesenvolvidas para os mercados americano e europeu com relação a países que não participam desses acordos (OMC, 2013).

Acompanhando essa evolução na China em 2001 no setor de confecção existiam mais de 2 milhões de empregos nessa atividade, na Índia, México e Brasil também possui uma enorme massa de trabalhadores exercendo funções ligadas a confecções, um número significativo, empregos motivados principalmente pela pouca necessidade de qualificação para o desenvolvimento da atividade, desde já estes países grandes parte a população tem um baixo nível educacional (ARAÚJO, 2006).

Tabela 2.3 - Empregos na CTC – países produtores de confecções

PAÍS	1995	2001
Setor têxtil		
China	6730	4775
México	187	317
Índia	1579	1289
Brasil (1)		339
Confecções		
China	1750	2027
México	476	681
Índia	264	331
Brasil (1)		1233

Em milhares de empregados

Fonte: Deloitte R. Study (2005) e (1) IEMI (2005)

Visto esse comparativo entre os empregos gerados nos setores de confecções e setor têxtil no ano de 2001, o setor têxtil chinês computando 4775 milhões de empregos gerados uma relativa queda, por outro lado um aumento no setor confecções, esses dados não relata uma migração empregatícia entre setores, pode-se afirmar o comparativo entre os anos de 1995 e 2001 (DELLOITE, 2005).

2.7 CADEIA DE CONFECÇÕES NO BRASIL

O primeiro registro de manufatura de tecidos no Brasil que se pode afirmar é relatado na carta de Pero Vaz de Caminha (fidalgo português que se notabilizou nas

funções de escrivão da armada portuguesa no Brasil no período do descobrimento), onde há referência a “uma mulher moça com um menino ou menina ao colo, atado com um pano não sei de quê aos peitos”, mais adiante também é citado que “as casas tinham dentro muitos esteios e de esteio a esteio uma rede, atada pelos cabos em cada esteio” (COSTA, 2000, MATHIAS, 1988). Já conforme Stein (1979, p. 57), o algodão já era tecido pelos índios antes da chegada das esquadras portuguesa ao Brasil.

No início do período da colônia brasileira além da cana de açúcar, muito presente na região, o norte e nordeste do país começa a implantar a cultura algodoeira, tornando-se rentável a comercialização do algodão antes promessa vira uma realidade, a partir da transferência da corte portuguesa para o Rio de Janeiro em 1808, o alvará foi revogado, abertura de portos, facilitaram o comércio entres países (COSTA, 2000, p.40).

Ao fim do século XIX, a indústria têxtil brasileira entra no processo de desenvolvimento. A isenção de algumas das tarifas alfandegárias sobre a importação de maquinário serviu de estímulo para a criação de tecelagens e fiação de algodão.

Por volta da década de 1950 do século XX, período marcado pelo desenvolvimento em diversos setores com o Plano Nacional de Desenvolvimento imposto pelo então presidente na época Juscelino Kubitschek. Diversas fábricas iniciaram suas atividades, elevando seu nível de produção, investindo em qualidade e acabamento, maquinário e produzindo artigos variados, as empresas coma visão de expansão, promoveram eventos internacionais (desfiles, semanas de moda) para apresentar o algodão brasileiro para outros países (COSTA, 2000).

A década de 1970 foi notavelmente o período da entrada de investidores estrangeiros que tinham como interesse a produção de fibras e filamentos artificiais e sintéticos, foco para suprir a demanda do setor do vestuário por tecidos de tergal e lycra. (TEIXEIRA, 2007). Já nos anos de 1990, o Brasil passava pela abertura geral da economia, isso apresentou efeitos positivos, como expansão de produtos no contexto internacional.

Certas dificuldades marcaram o setor de confecções durante o ano de 2005, com o fim do ATV (Acordo de têxteis e Vestuários), tornando iminente a aquisição de normas maneira protecionistas de comercialização contra as importações, principalmente motivada pelo crescimento econômico Chinês. Possibilitou uma

aplicação de métodos que foram implantados a partir de 2006 com um acordo bilateral entre Brasil e China, limitando a entrada de aproximadamente 60% dos têxteis chineses (TEIXEIRA, 2007).

O real valorizado anexado a concorrência asiática, provocou a queda da participação brasileira das importações argentinas. Assim, enquanto as exportações brasileiras de confecções para a Argentina cresceram 2,9% isso acarreta em US\$ 33,2 milhões, as importações argentinas de confecções chinesas cresciam 135,6%, tendo alcançado 13,8 milhões, ou seja, levando em conta a competitividade, é barato consumir produtos oriundos da China, sabendo que a Argentina é hoje o 3º maior importador de artigos confeccionados brasileiros (COSTA, 2000, MATHIAS, 1988).

Em 2011 o Brasil alcançava a 8ª posição entre os maiores produtores de têxteis e a 7ª posição para a produção de artigos confeccionados. Mas a participação brasileira no comércio internacional é pequena, ocupa a singela 26ª posição em exportação de têxteis e a 48ª em exportação de artigos confeccionados, sendo a China o país o maior exportador tanto produtos têxteis quanto os artigos confeccionados (AMORIM, 2011).

A maior alternativa foi exercer apoios aos APL's, para estimular as exportações onde a maioria das empresas de vestuários são micros ou pequenas empresas, situadas na mesma região operacionalizando em cadeia, como por exemplo as empresas do Polo de Confecções do Agreste pernambucano e as empresas de Jaraguá, estado de Goiás cidade com pouco mais de 34 mil habitantes com 400 confecções em atuação (ARAÚJO, 2006).

A ABIT (2011) – Associação Brasileira da Indústrias Têxtil e de Confecção, culmina em um programa de incentivo, fomentar criação de instrumentos e mecanismos que visaram desburocratizar as exportações, especialmente de pequenos empreendimentos.

A cadeia têxtil e de confecções CTC no Brasil é composto por diversos tamanhos de unidades produtivas nas diversas etapas de produção, no topo da cadeia, ou seja, nas etapas primárias, encontram-se empresas de grande porte, com prestígios no mercado exterior e real participante do mercado internacional, ligadas a insumos e preços internacionais, no último ele da cadeia, pode-se dizer das empresas de menor porte escala, tendo fatores como moda, *time-to-market* e vantagens competitivas em médio e longo prazo (ABIT, 2011).

Conforme Araújo (2006), a tabela 2.4 nos anos de 2004, o montante por

segmento na cadeia têxtil e de confecções, dividido entre as fibras/filamentos, têxteis, confecções vestuários relacionando os dados com a quantidade de unidades produzidas, empregos por setor, toneladas produzidas ao ano e o faturamento anual:

Tabela 2.4 - Totais por segmento da CTC – Base 2004.

Fibras/Filamentos	Têxteis	Confecções	Vestuário (1)
15 unidades	3847 unidades	19.042 unidades	16.531 unidades
10 mil empregos	312 mil empregos	1.172 mil empregos	996 mil empregos
418 mil ton/ano	1.575 mil ton/ano	1.740 mil ton/ano	1.022 mil ton/ano
US\$ 1.2 bi fat/ano	US\$ 15,9 bi fat/ano	US\$ 23,4 bi fat/ano	US\$ 15,3 bi fat/ano

Médias por empresa nos segmentos - base 2004			
Fibras/Filamentos	Têxteis	Confecções	Vestuário (1)
667 empregados	81 empregados	62 empregados	60 empregados
28 mil ton/ano	409 ton producao/ano	91 ton producao/ano	62 ton producao/ano
US\$ 80 mi fat/ano	US\$ 4.1 mi fat/ano	US\$ 1.2 mi fat/ano	US\$ 0.92 mi fat/ano

Fonte: IEMI/ABRAFAS *apud* IEMI (2005) *apud* ARAÚJO (2006).

A tabela 2.4 remete que, durante a década passada, por conta da invasão de produtos importados e a concorrência estabelecida por esse novo entrante, notadamente produtos chineses, diversas fábricas brasileiras de médio e grande porte do sul e Sudeste do país, optaram em transferir seu processo produtivo para a região Nordeste, com o objetivo de se manterem mais competitivas, através de produções em facções (terceirizadas), estrutura sindical mais flexível, salários mais baixos, presente na região Nordeste, que passa absorver essa migração (ARAÚJO, 2006), enquanto as empresas migratórias do sul e Sudeste do país ganham na diminuição de seus custos produtivos.

2.8 CADEIA DE CONFECÇÕES NO NORDESTE BRASILEIRO

As diferentes escalas de produção é o que caracteriza a indústria nordestina de confecções. Há algumas empresas de grande porte, porém, por volta de 95% das indústrias da região são compostas por micro e pequenas empresas (VIANA, 2005 *apud* ARAÚJO, 2006). Boa parte das empresas nordestinas operam com um alto grau de informalidade do setor, presentes e distribuídas em diversos estados da região notadamente na Bahia, Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte e Piauí.

Conforme Araújo (2006) destaca, os estados de Pernambuco e do Ceará são os polos mais importantes da região. No Ceará as empresas se concentram na Região

Metropolitana de Fortaleza, linhas diversas de produtos e variedades. Em Pernambuco a concentração é no Agreste do estado, região denominada de Polo de Confeccões do Agreste, 75% das atividades industriais do segmento de vestuários no estado Pernambuco encontram-se no Agreste, uma menor parcela em comparação ao Agreste também é produzida na Região Metropolitana do Recife.

Paraíba tem boa participação com cidades como João pessoa e Campina Grande, na Bahia pode-se comentar em Salvador e Feira de Santana, e no Rio Grande do Norte é pouco pulverizada com a presença de empresas de prestígio nacional e internacional como a Coteminas e a Guararapes, responsável pela rede varejista Lojas Riachuelo (ARAÚJO, 2006).

Outros estados tem uma participação mais singela, é o caso do Piauí que atua de forma semelhante ao Rio Grande do Norte, possui internamente uma grande indústria de confeccões que sozinha gera quase todos os postos de trabalho naquele setor no estado (SEBRAE, 2013).

2.9 CADEIA DE CONFECÇÕES EM PERNAMBUCO

Para Araújo (2006), o surgimento a cultura têxtil em Pernambuco teve início no século XVIII, a partir a implantação de mudas de algodão voltadas para exportação, onde antes a cultura canavieira imperava na capitania pernambucana o algodão serviu como alternativa para o semiárido impor essa cultura tendo seu ápice durante a guerra civil americana, posteriormente a importância da cultura do algodão se restringiu ao mercado interno.

Um dos maiores produtores têxteis do Brasil, prova disso o brasão pernambucano tem como representatividade o algodão e a cana de açúcar. Ao longo dos anos vem perdendo prestígio em função das estratégias de atração, incentivos fiscais motivadas pelos estados vizinhos, Ceará Rio Grande do Norte, Paraíba e Bahia (SEBRAE, 2013).

O setor de confeccões é de extrema importância para a indústria pernambucana. No entanto, as informações sobre sua real dimensão são conflitantes e não refletem o real panorama do Agreste pernambucano. Segundo o SINDVEST (Sindicato das Indústrias de Confeccões e Vestuário de Pernambuco), o estado é o “maior produtor de

confeções do Brasil, atrás apenas do estado de São Paulo (VIANA, 2005 *apud* ARAÚJO, 2006). Essa afirmação gera indagações e controvérsias, já que a criação de empregos diretos e formais no estado Pernambuco para o setor é inferior aos estados como Ceará, Santa Catarina, Rio de Janeiro, além de São Paulo. Segundo o SEBRAE (2013), pode-se afirmar que a situação da região mascara a real quantidade em empregos gerados, uma vez que a informalidade é bastante presente no setor de confeções no estado de Pernambuco.

Pernambuco tinha o maior parque têxtil do nordeste motivado pelos incentivos gerados através da SUDENE Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste e financiamentos do BNB, diversas empresas pernambucanas ampliaram suas unidades fabris e montaram fábricas produzindo, tricoline, algodão, brim, citas, jutas e seda (BARROS, 1999).

Esse período de prosperidade teve um declínio na década de 90, uma perda significativa varreu o estado, estimulado pela guerra fiscal com os estados vizinhos e com a abertura às importações de tecidos em sua maioria oriundos da China. A infraestrutura pernambucana foi um dos critérios dessa perda de mercado, novos investimentos em equipamentos foram implantados nos estados vizinhos, mais atualizados tecnologicamente durante ganhando em competitividade em relação a Pernambuco (ARAÚJO, 2006).

A alternativa pernambucana foi transferir boa parte da cadeia antes presente na Região Metropolitana do Recife para o interior do estado, como válvula para ganhar em competitividade, usufruindo de mão de obra barata do Agreste pernambucano como afirma Teixeira (2007).

Para Araújo (2006), a tabela 2.5 a seguir mostra a relação do número de empregos formais nas principais cidades da região em comparação a capital, outros estados, o Brasil e o total Brasileiro:

Tabela 2.5 - Nordeste – Empregos formais no setor de confecções.

	2001		2002		2003		2004	
	Confecções	Total	Confecções	Total	Confecções	Total	Confecções	Total
Pernambuco	10.127	895.415	10.711	943.895	10.628	962.176	11.877	1.022.609
<i>Toritama</i>	503	1.303	701	1.600	1.129	2.494	1.248	2.748
<i>Santa Cruz do Capibaribe</i>	914	2.651	1.070	3.083	1.153	3.569	1.357	4.174
<i>Caruaru</i>	2.071	25.105	2.637	27.404	3.168	28.661	3.781	31.521
<i>Recife</i>	2.464	429.919	2.370	437.873	2.191	432.185	2.475	456.106
Ceará	30.677	724.954	29.814	793.312	31.239	825.062	34.457	860.435
Bahia	7.347	1.209.567	7.380	1.309.717	7.153	1.379.609	7.814	1.458.315
Rio Grande do Norte	8.291	337.160	12.470	318.971	10.249	388.007	10.126	421.109
Brasil (1)	421.138	27.189.714	444.365	28.683.913	448.524	29.544.927	495.727	31.205.778
Brasil (2)	1.191.837		1.134.725		1.146.600		1.171.559	

Fonte: MTAB – www.mtab.gov.br apud ARAÚJO (2006).

Esses dados da Tabela 2.5 referem-se aos números de empregos com carteira assinada na região e comparativo aos dados de Pernambuco, do Ceará, Bahia, o Rio Grande do Norte no parâmetro nacional e o total nacional nos anos de 2001 a 2004 pelo Ministério do Trabalho (ARAÚJO, 2006).

Em Toritama representa no ano de 2004 o setor de confecções gerou 1248 mil empregos, já em Santa Cruz do Capibaribe 1357 mil empregos foram gerados, Caruaru tem uma criação de 3781 mil empregos com carteira assinadas no setor de confecções (SEBRAE, 2013).

Por volta da década de 1980 a indústria de vestuário em Pernambuco era constituída por micro e pequenas empresas, a partir de butikues, em muitos casos de senhoras da classe média que implantavam essa atividade como complementar. Nessa época ocorreu uma transformação varejista em Pernambuco, as pequenas butikues não tiveram a capacidade de atender a demanda do consumidor pernambucano, com isso o aparecimento do conceito de *shopping centers* surgiu no estado, a massificação de grandes redes varejistas Mesbla, C&A, atrelando maior padronização e qualidade nos produtos, as unidades das butikue que dependiam diretamente daquele negócio se moldaram e adotaram gestões profissionais para sobreviverem aos novos entrantes as que não tiveram como suportar foram fechando aos poucos (VIANA, 2005 apud ARAÚJO, 2006).

Em relação a oferta de empresas no estado de Pernambuco na região do Polo de

Confecções do Agreste, a participação das empresas por porte, como podemos ver na tabela 2.6 a seguir:

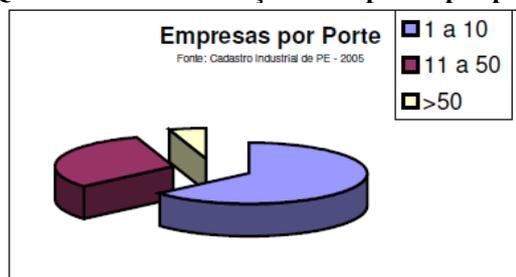
Tabela 2.6 - Pernambuco - Número de empresas por porte.

	1 a 10	11 a 50	>50
Toritama	6	11	1
Santa Cruz do Capibaribe	99	38	4
Caruaru	62	64	5
Recife	81	36	6
Pernambuco	362	179	28

Fonte: CIP – 2005 *apud* ARAÚJO (2006).

Em Pernambuco no ano de 2006 mais de 75% das empresas no setor de confecções concentram-se no Agreste pernambucano, conforme o Cadastro Industrial de Pernambuco, publicado pela FIEPE - Federação de Indústrias do Estado de Pernambuco em 2005.

Quadro 2.1 - Classificação de empresas por porte



Fonte: CIP - 2005 *apud* ARAÚJO (2006).

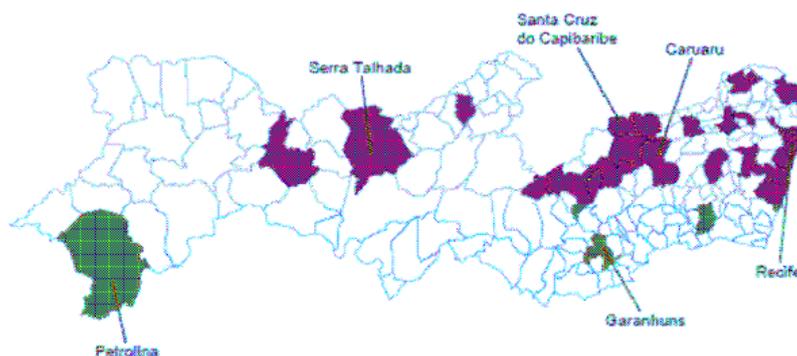
Observando o quadro 2.1 percebe-se que a maioria das empresas da região tem menos de 10 funcionários.

Conforme o Sindvest/PE Pernambuco detém o *ranking* de 2º maior produtor de peças de vestuários do país, com produção de 850 milhões de peças no ano de 2003, ou seja, isso corresponde a 16% da produção brasileira, estimada no total de 5,3 bilhões de peças, conflitando aos dados do Sindvest, o IEMI (2005, pág. 110) apontam que as produções do Nordeste brasileiro atingem 583 milhões de peças ao ano em 2003, o Sindvest ressalta que ao comparar o valor do produto agregado do setor em Pernambuco e no Ceará, que no estado do Ceará em virtude do preço levando em consideração avaliada em Reais, o valor do produto cearense seria maior em virtude do preço médio

do valor agregado desse produto em Pernambuco ser 1/3 do preço médio nacional.

A figura 3 a seguir, mapa pernambucano concentração de empresa no setor de confecção no estado:

Figura 2.3 - Pernambuco – Concentração por empresas de confecções



Fonte: Araújo (2006)

Algumas cidades além do Agreste pernambucano e da RMR existe relatos de atividade e concentração de empresas no setor de confecções, é o que mostra na figura, o caso de Serra Talhada, Petrolina e Garanhuns, não possuem uma representatividade semelhante à do RMR ou do polo do Agreste (ARAÚJO, 2006).

2.10 POLO DE CONFECÇÕES DO AGRESTE PERNAMBUCANO

O Polo de Confecções do Agreste é um Arranjo Produtivo Local de extrema importância para a economia do estado de Pernambuco, formado atualmente por 10 cidades pernambucanas, Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe, Toritama, Agrestina, Vertentes, Riacho das Almas, Brejo da Madre de Deus, Taquaritinga do Norte, Cupira e Surubim, segundo o estudo do (SEBRAE, 2013)

Para (SILVA & FREIRE, 2011), essa região de Pernambuco concentra mais de 18 mil empresas do setor, com a capacidade de produção de 800 milhões de peças por ano faturando R\$ 3,5 bilhões anuais, conta com 120 mil empregados diretos, firmando como um dos maiores produtores de peças de vestuário do Brasil.

O desenvolvimento econômico do polo, segundo SEBRAE (2013) acarretou em transformações nas cidades que o compõem. Em 2009 o produto interno bruto alcançou R\$ 3,9 bilhões na região, correspondente a 5% do PIB de Pernambuco (R\$78,4 bilhões

no ano), já em 2010 a população dos dez municípios do polo chegou a 667 mil habitantes, compondo 8% da população estadual registrada no ano. Nas cidades que constituem o polo há mais de cem mil pessoas ocupadas, muitas em trabalhos formais e a maioria ainda não.

Segundo (SILVA & FREIRE, 2011), as empresas estão investindo em seus planejamentos estratégicos para fazer um ambiente inovador de negócios para a moda, para isso, um esforço por parte de entidades como a Agência de Desenvolvimento Econômico de Pernambuco (AD/Diper), SEBRAE e SINDIVEST é realizado com o intuito de estimular, entre outras coisas, a pesquisa tecnológica e proporcionar alternativas para desenvolvimento sustentável, peças-chave no caminho do progresso. No município de Caruaru em 2015, em parceria com o Porto Digital, foi implantado o Armazém da Criatividade, uma incubadora para captar empreendimentos criativos e ideias tecnológicas no Agreste pernambucano, um esforço público-privado para motivar a região e valorizar os empreendedores locais.

Levando em consideração diversos fatores que favorecem para a ameaça de produtos provenientes da China, como informalidade; que no Polo de Confeções é visivelmente presente, nos dez municípios que participam do polo 80% das unidades produtivas são informais, 20% formais, para o SEBRAE (2013), um número relativamente alto para a vazão produtiva da região, e um faturamento alarmante, cinco vezes mais que os empreendimentos complementares. Contudo, alerta para a alta taxa de informalidade em Taquaritinga do Norte (89%). No entanto, o maior problema não é este, e sim as diversas possibilidades de empresas obterem uma fachada de formalização ao tempo em que continuam com o grosso de suas operações podendo se rotular uma “informalidade formal”.

Conforme SEBRAE (2013), diversos fatores podem ser um agravante para o aumento dessa informalidade, como: mão de obra barata, baixa qualificação dos funcionários, produtos sem a devida fiscalização nos processos fabris. Com isso o polo cresce sem uma perspectiva de organização mercadológica. As atividades nas confeções são oriundas da oportunidade que o agrestino encontrou de escapar de períodos de estiagem onde antes se comportavam como uma agricultura familiar hoje se comportam com pequenas facções e empresas criadas para suprir a necessidade do mercado da região, em grande parte implementadas com um pequeno investimento inicial.

(ITEP, 2016) Definir o negócio do APL de confecções de Pernambuco como o de “confecções de produtos de vestuário que atentam ao mercado regional, em evolução para o fortalecimento ao mercado de moda e qualidade em âmbito regional, nacional e internacional” com isso ressaltaremos essa nomenclatura representa um estágio de evolução do APL, consolidando o desenvolvimento do mercado de moda em âmbito não apenas regional, transição essa entre o negócio original de confecções de baixo custo para novos mercados, nacionais e internacionais.

Na última década a população do Polo de Confecções cresceu 27%, com isso em 2010 alcançou cerca de 650 mil habitantes, número equivalente a 7% do total estadual, enquanto seu PIB foi elevado 56%, chegando a R\$ 3,9 bilhões, computando em 5% do PIB de Pernambuco, no mesmo período. Com mais de 18,8 mil de confecções e mais de 107 mil profissionais envolvidos o polo vem se afirmando como uma importante unidade produtiva no cenário nacional SEBRAE (2013). Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe e Toritama representam 77% em relação ao total de postos de trabalho do polo, essas três cidades produzem por ano mais de 842 milhões de peças.

Segundo o SEBRAE (2013) a grande maioria dos compradores do Polo de Confecções adquire os produtos dos Centros de Compras para consumo próprio ou da família 72,6%. Esse levantamento teve uma maior participação em Caruaru, onde 95,3% dos compradores adquirem os produtos para consumir. Se repetindo com os compradores do Parque das Feiras em Toritama, com 83,6% dos consumidores procurando esse Centro de Compras para atender principalmente ao próprio consumo.

Ainda segundo o SEBRAE (2013) a caracterização do Polo de Confecções do Agreste pernambucano teve razões administrativas levando em consideração que existe participação de outros municípios que estabelecem atividades produtoras de confecções com intensidade relevante em outras partes de Pernambuco.

Além dos dez municípios citados como referência no polo e confecções podemos citar incluídos, no Agreste, Belo Jardim e Gravatá; na Região Metropolitana do Recife, Abreu e Lima, Camaragibe, Jaboatão dos Guararapes, Olinda, Recife e Paulista. Outros estudos apontam Passira e Pesqueira, ambos no Agreste, como lugares onde também já existiriam concentrações significativas de produtores de confecções (SILVA, 2014).

O SEBRAE (2013) afirma que se adicionam a esse “aglomerado” (na sua terminologia) os municípios de: Jataúba, Santa Maria do Cambucá, Frei Miguelinho,

São Caetano, Altinho, Sanharó, porque encontra-se uma pequena quantidade de microempresas em comparação as principais cidades quem fazem parte do Polo de Confecções do Agreste, que de certo modo suprem uma pequena parcela da cadeia produtiva de confecções do Agreste pernambucano.

2.10.1 Design como aspecto competitivo

Outro aspecto que favorece essa análise, conforme (SILVA, 2014) é a falta de inovação nos produtos e criação de novos modelos;

“São diretrizes para sobreviver aos entrantes e barreiras impostas pelo mercado, aliado a uma maior flexibilidade e rapidez de resposta, esse design inovador é necessário para a região e perceptível para se criar uma identidade, isso é uma deficiência no Polo de Confecções do Agreste aonde não acontece esse processo” (Silva, 2014, pág. 12).

As unidades produtivas que fabricam o produto final, segundo SEBRAE (2013), as empresas se mantêm na criação de cópias, é uma prática utilizada na grande maioria, mais da metade 53% ou seja, mais da metade das vezes em que ocorre o processo de fabricação, um produto visivelmente é copiado ou, então a proporção aumenta, um empresa é pioneira em realizar essa cópia, mais duas empresas copiam da empresa pioneira, um terceiro cópia dessas duas empresas, tornando um ciclo vicioso, dentre as facções, 22% declaram fazer cópia; 4% declaram fazer criação própria, mas não é o que se vê, esse número é visivelmente maior. SEBRAE (2013) afirma que na região apenas 7% das empresas usufruem de trabalho de especialistas (*designers*, estilistas) para criação de coleções produzir novos modelos.

2.10.2 Demografia e economia

Analisando dados demográficos e geográficos entre os dez municípios de referência que compõem o Polo de Confeccões do Agreste pernambucano, Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe, Toritama, Agrestina, Vertentes, Riacho das Almas, Brejo da Madre de Deus, Taquaritinga do Norte, Cupira e Surubim, SEBRAE afirma que em 2009 uma população total de 667 mil habitantes (computando 8% da população estadual de 8,8 milhões), o produto interno bruto alcançava R\$ 3,9 bilhões, no mesmo período, sendo responsável por 5% do PIB do estado Pernambucano (78,4 bilhões, no mesmo ano). Entre 2000 e 2010 enquanto a população destes municípios cresce 27%, os dados disponíveis entre 2000 e 2009 o seu PIB se expandiu 56%, ou seja, duas vezes mais rapidamente que a respectiva população (ARAÚJO & PEREIRA, 2006).

Um desempenho bastante amplo em consideração em termo demográficos,

- 2,2 vezes mais rapidamente que o Brasil
- 2,4 vezes mais rapidamente do que o vezes do que Pernambuco

Medida pelo produto interno bruto real (ou seja, descontada a inflação), a economia dos referidos municípios cresceu:

- Uma vez e meia mais rapidamente que a economia do Brasil;
- Uma vez e dois décimos mais rapidamente que a do Nordeste;
- Uma vez e três décimos mais rapidamente que a de Pernambuco.

A seguir, a tabela 2.7 relaciona o PIB gerado em milhões tendo como base o ano de 2003, PIB por unidade federativa:

Tabela 2.7 – BRASIL - PIB por unidade da Federação (em milhões de Reais- base 2003).

	PIB em R\$ (milhões)	Vlr Bruto ind. Confec R\$	PIB per capita R\$	Posição no Ranking do PIB de PE			
				2000	2001	2002	2003
PE	42,200	160	R\$ 5.177,00				
Toritama	65,00	6 (1)	R\$ 2.487,00	103	100	92	82
Santa Cruz	170,00	37 (1)	R\$ 2.644,00	29	28	27	28
Caruaru	1040,00		R\$ 3.865,00	7	7	7	7
CE	28400	620	R\$ 3.663,00				
Nordeste	214,500		R\$ 4.306,00				
Brasil	1.556,000		R\$ 8.694,00				

Fonte: CONDEPE/FIDEM, IBGE *apud* Araújo (2006)

Esses dados da tabela 2.7 indicam a participação econômica da região em comparativo aos dados de Pernambuco, do Ceará, o Nordeste do Brasil e no parâmetro nacional. Visto que Toritama apresentou um PIB de 65 milhões ocupando a 82º na posição do PIB Pernambucano, Santa Cruz do Capibaribe com o PIB de 170 milhões na 28º posição no ranking no PIB pernambucano, Caruaru tem a força econômica computando mais de 1 bilhão ocupando a 7º posição pernambucana, motivado pelos setores têxteis e de confecções.

2.10.3 Caruaru

Município à 130km de Recife, a capital administrativa do estado de Pernambuco, conhecida como a princesa do Agreste, Caruaru representa a sétima posição no PIB pernambucano, aproximadamente 315 mil habitantes (estimativas IBGE, 2010), a principal fonte de renda da região é o comércio, além da própria indústria, com destaque para a indústria de confecções, a cidade surgiu a partir da Feira de Caruaru, a notoriedade da feira foi crescendo ficando nacionalmente conhecida, transformando Caruaru em um ponto de apoio para o comércio nordestino, nos limítrofes da Região Nordeste, o Município de Caruaru se localiza estrategicamente num eixo comercial bastante favorável: a 132 quilômetros da capital pernambucana, a 216 quilômetros da capital alagoana, a 404 da cidade de Aracajú, a 740 quilômetros de Salvador, a 241 quilômetros de João Pessoa, a 850 de Fortaleza e 418 de Natal. Nesse contexto, com privilegiada localização.

Atualmente, Caruaru para reter a demanda por profissionais no desenvolvimento de peças e vestuários, detém de universidades como; UPE e UFPE, que se instalaram na cidade contemplando o curso de design de moda, administração, curso presente em diversas faculdades particulares. Com ação do poder público, hoje em Caruaru foi implantado o Armazém da Criatividade em mecanismo com o Porto Digital e o centro tecnológico da Moda resultado de uma parceria com o SEBRAE.

Polo Comercial de Caruaru foi inaugurado em 2004 com capacidade de abrigar 1650 lojas, grande maioria confecções. Situa-se na BR 104 atua como rota para as cidades de Santa Cruz do Capibaribe e Toritama, gerando aproximadamente 5mil empregos diretos (SILVA, 2014).

2.10.4 Santa Cruz do Capibaribe

Cidade com aproximadamente 88 mil habitantes (IBGE, 2010) a 170 km da capital pernambucana, o município vive exclusivamente da produção e do comércio de confecções que existe em toda a cidade, em 1953, Santa Cruz do Capibaribe de vila se tornou cidade. Como tantas que sobrevivem do feijão, milho e outras culturas de sobrevivência e já existindo as tradicionais colchas de retalhos, saiu da rotina, alguém de forma inteligente, ao separar os retalhos de tecidos, usou-os de maior tamanho para confeccionar shorts, que desta forma, lhe daria mais lucro. Foi assim que começou a descoberta da atividade potencial da confecção, com lojas de aviamentos, empresas de bordados, linhas distribuições de tecidos nacionais e importados, estamparias, máquinas de costura, fábricas de *fundo de quintal* produzindo sobre forma de *facção*, ou seja, produção sobre encomenda de uma terceira empresa, que se encarrega do design e do controle de qualidade, atrelando a sua marca essas peças (IBGE, 2010),

Na década de 1980 o comércio já era forte na região de forma espontânea surgiu a partir do arrojo de certos comerciantes que colocaram bancos de feira nas ruas da cidade a “*feira da sulanca*”, e, em pouco tempo, dezenas de ruas estavam tomadas, formando assim a maior feira livre de confecções do Nordeste.

Visando acompanhar o desenvolvimento do setor a gestão pública municipal executiva e legislativa ouviu as reivindicações dos empresários e consumidores, em 2004 nasceu a proposta de construção do Moda Center Santa Cruz, local que acomodaria todos os comerciantes do setor de confecção que estavam tomando de forma desordenada o Centro da cidade.

Estrutura do Moda Center: área total: 32 hectares; área coberta: cerca de 80 mil m²; bancos de feira: 6.208 bancos; lojas: 442 lojas externas; 84 lojas internas; 04 praças de alimentação, com 10 restaurantes e 22 lanchonetes; estacionamento: 3.000 veículos; hospedagem para compradores: 2 mil leitos; hospedagem para motoristas de ônibus (excursão): 200 leitos; 04 baterias de banheiros e sanitários, com 176 unidades (IBGE, 2010).

2.10.5 Toritama

Situado no Agreste pernambucano é uma cidade, segundo o SEBRAE/PE, que produz 16% de todo o jeans fabricado no Brasil, 150 km da Capital pernambucana e 20km de Caruaru, pequena cidade conforme o IBGE (2010) 35 mil habitantes sobrevive exclusivamente em produção e do comércio de confecções, com mais relevância para a fabricação de jeans. Segundo o SEBRAE (2013) Toritama produz no total dos jeans produzidos no Brasil 15% contabilizando 60 milhões de peças /ano, correspondendo a um faturamento anual de R\$ 453 milhões, com esses dados afirma-se que Toritama perde apenas para a região do Brás, em São Paulo, na produção nacional. Boa parte dessa produção é consumida pelo mercado interno com relevância para as capitais nordestinas e redes de lojas de São Paulo e Rio de Janeiro.

Em Toritama encontra presente o Parque da Feiras, esse parque reúne cerca de 5 mil comerciantes, distribuídos em mais de mil boxes, em toda cidade é possível encontrar lojas de confecções, armarinhos, fabricantes de tecidos e aviamentos (zíperes, botões, linha de costura).

CAPÍTULO 3 - HISTÓRIA E A INFLUÊNCIA E DA CHINA EXERCIDA NO MUNDO

3.1 A ABERTURA COMERCIAL DA CHINA

A presença de indústria têxteis e vestuário na China inicia-se a partir da década de 1960, por meio da criação da (RPC) – República Popular da China, antes disso por volta de 1949 não existe indícios de indústria de vestuários no país (COSTA *et al*, 2013).

Segundo Pegoraro (2013) a partir das diversas transformações comerciais ao longo dos anos a China por sua vez foi adaptando e abrindo negociações com outros países, onde antes suas fronteiras estiveram fechadas até 1978 desse modo não tendo atuação diretamente na economia mundial, nem a participação de parceiros comerciais, Então a partir deste ano com abertura comercial o governo chinês teve como visão que essa abertura comercial renderia ao país desenvolvimento tecnológico e econômico, entretanto ao longo das últimas décadas a China exibe um crescimento econômico alarmante, entre 1980 e 2009, PIB chinês teve como aumento médio aproximadamente , 10% ao ano, isso refletiu no ranking mundial econômico, a China pulou de 12º na posição mundial nesse período para 2º posição em 2013 (SOARES & CASTILHO, 2014)

A RPC apresentava uma economia controlada pelo ativo governamental, determinada pelo governo central, e hoje pode-se dizer uma economia de mercado. Isso resultou em uma transformação que foi possível devido às reformas econômicas e a abertura das fronteiras no país. As reformas atraíram investimentos estrangeiros, moldando toda uma cultura econômica chinesa, proporcionou o desenvolvimento de indústrias e tecnologias e infraestrutura, aumentando a escala de geração de empregos (PEGORARO, 2013). Os planos chineses foram ousados, traçando metas e objetivos quinquenais para estimular o crescimento, como o quadro 3.1 apresentado por Pegoraro (2013) mostra-se os planos quinquenais que estimularam o desempenho da RPC a partir da abertura dos portos:

Quadro 3.1 - Planos quinquenais da RPC

Plano	Objetivo	Observações
Quinto: 1976 – 1980	Originalmente previa metas ambiciosas de produção de petróleo (250 milhões de toneladas) e de aço (60 milhões de toneladas) e empreendimentos e projetos	O plano era inviável econômico e financeiramente. Deng Xiaoping definiu novos princípios, visando o reajuste, a adoção de reformas e de novas diretrizes.
	Em abril de 1979 houve ajustamentos radicais.	
Sexto: 1981 – 1985	Início das reformas.	Foi priorizada a superação de entraves crônicos ao desenvolvimento.
	Fortalecimento dos contratos de agricultura familiar.	
	Consolidação das primeiras Zonas Especiais de Desenvolvimento (ZED) e criação de novas zonas de desenvolvimento.	
Sétimo: 1986 – 1990	Criação de ambiente propício ao desenvolvimento econômico-social para atender as reivindicações e à oferta por bem-estar social.	Os objetivos previam conciliar o fortalecimento da economia com as demandas sociais.
	Florescimento do mercado de produtos.	
	Descentralização fiscal e ampliação das reformas para fomentar o setor empresarial e de comércio.	

Continuação: Quadro 3.1 - Planos quinquenais da RPC

Plano	Objetivo	Observações
Oitavo: 1991 – 1995	Nova rodada de mudanças com a saliência das empresas urbanas e/ou municípios locais e das exportações como indutoras do desenvolvimento chinês.	Viagem de Deng Xiaoping ao sul da China para realçar a importância das zonas econômicas especiais (ZEEs) e promover a decolagem do setor industrial.
Nono: 1996 – 2000	Aumento / aprofundamento da liberação dos mercados.	No plano foi fixada como meta a duplicação do PIB nacional até 2010.
	Privatização de empresas de menor porte pertencentes ao Estado e inclusão dos Investimentos Diretos do Exterior (IDE).	
	Redução da pobreza.	
Décimo: 2001 – 2005	O plano previu taxa média de crescimento de 7% ao ano e criação de 40 milhões de empregos. Houve ainda a participação dos três grandes setores de atividade na geração de renda e emprego. Foi enaltecida a preocupação por um desenvolvimento regional mais harmônico.	No início da execução do plano, a China aderiu à OMC, o que impulsionou os negócios internacionais e o desenvolvimento industrial e exigiu reformas no sistema financeiro.
Décimo Primeiro: 2006 – 2010	Assegurar a participação de 13% no PIB global.	Sustentação social e ambiental.
	Mudança do papel da China na economia mundial.	Obter crescimento sustentado e mais equilibrado.
	Conquista do posto de segunda economia mundial.	
Décimo Segundo: 2010 – 2015	Expansão dos investimentos.	Reduzir a emissão de gás carbono e de outros impactos ambientais.
	Aumento de demanda de alimentos e estímulo às exportações.	

Fonte: (Pegoraro, 2013). Adaptado pelo autor (2016)

O ano de 1993 ficou marcado pela homologação do termo “economia de mercado socialista”, na liderança de Deng Xiaoping o termo tinha como diferença entre a economia socialista e capitalista o sistema de propriedade, pública ou privada, a China adotou uma alternativa econômica de acordo com as regulamentações macroeconômicas do Estado, visando desenvolver a economia chinesa além de inserir o país no mercado internacional (PEGORARO, 2013).

Conforme Pegoraro (2013), apud Suleiman (2008, p.14): A estratégia de desenvolvimento da China a partir de 1978 se baseou na reforma no modo de utilização da terra, na produção e expansão das exportações, proteção do mercado interno, estímulo ao investimento estrangeiro, formação de *joint ventures* (grandes empresas estatais) e na indústria pesada sob o controle do planejamento central, na transição para um sistema misto de preços, controlados pelo mercado.

A China, nos dias atuais, é considerada como “economia em ascensão”, isso devido ao seu rápido crescimento na economia mundial, segundo Pegoraro (2013), entre os fatores que impulsionaram esse crescimento econômico, pode-se citar: investimento estrangeiro direto, decorrentes dos atrativos fiscais e custos, além e ter grande potencial de crescimento; existência de economia de escala, onde, os custos são mínimos e a produção é máxima; o câmbio desvalorizado; rápido crescimento das exportações.

A Quadro 3.2 a seguir mostra a produção mundial dos países no setor Têxtil e de Vestuário:

Quadro 3.2 - Principais produtores de Têxtil e Vestuário – 2010

Produtores de Têxteis			Produtores de Vestuário		
País	Produção (mil ton.)	% Mundial	País	Produção (mil ton.)	% Mundial
1. China	38.561	50.7 %	1. China	21.175	46.4%
2. Índia	5.793	7.6 %	2. Índia	3.119	6.8 %
3. EUA	4.021	5.3 %	3. Paquistão	1.523	3.3 %
4. Paquistão	2.820	3.7 %	4. Brasil	1.271	2.8 %
5. Brasil	2.249	3.0 %	5. Turquia	1.145	2.5 %
6. Indonésia	1.899	2,5 %	6. Coréia do Sul	990	2,2 %

Continuação: Quadro 3.2 - Principais produtores de Têxtil e Vestuário – 2010

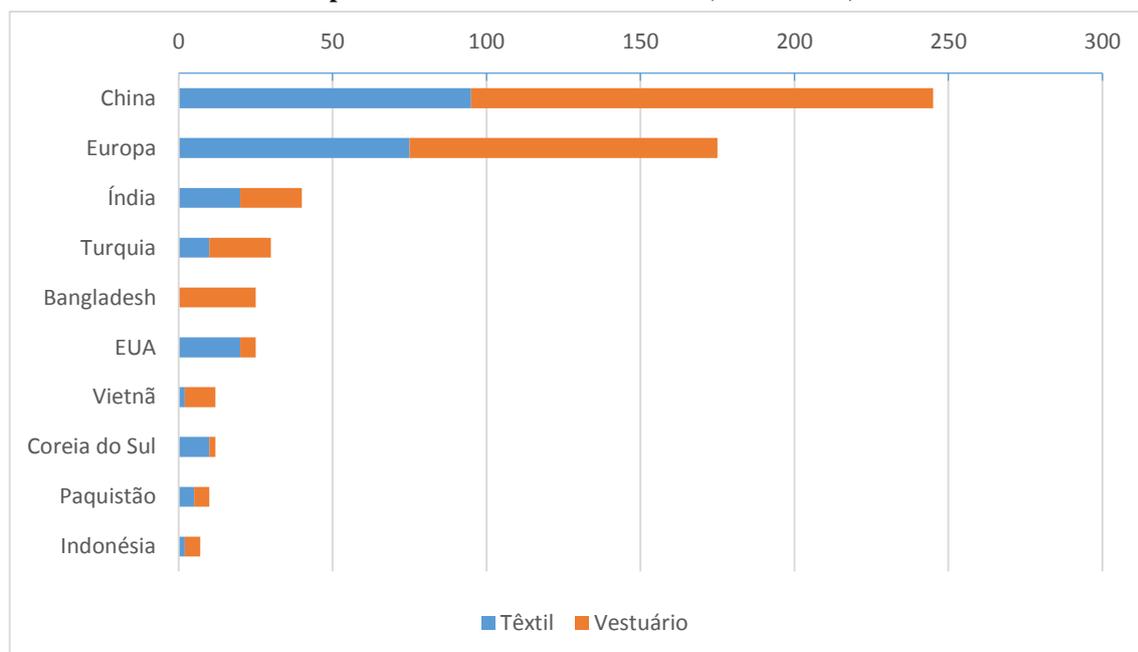
7. Taiwan	1.615	2.4 %	7. México	973	2.1 %
8. Turquia	1.447	1.9 %	8. Itália	935	2.0 %
9. Coreia do Sul	1.401	1.8 %	9. Malásia	692	1.5 %
10. Tailândia	902	1.2 %	10. Polônia	664	1.5 %

Fonte: Instituto de Estudos e Marketing Industria, (2010)

Adaptado, 2016.

Para Soares & Castilho (2014) é visto que a China ocupa a primeira posição em ambos setores e entre os dez primeiros, percebe-se também a presença de diversos países asiáticos nas primeiras posições. Atualmente a China é a maior produtora e exportadora no setor têxtil e vestuários mundial, essa posição foi ocasionada através de diversas melhorias à indústria têxtil, modernização do setor e capacitação tecnológica, com isso seus níveis de eficiências se tornaram adequados ao aumento da demanda interna e externa alavancando sua produção.

O Gráfico 3.1 a seguir relata em bilhões essa exportação no ano de 2011:

Gráfico 3.1 - Países exportadores de têxteis e vestuário (US\$ bilhões) em 2011.

Fonte: Organização Mundial do Comércio, (2013), adaptado 2016.

Esses números demonstram a potência econômica que a China representa no

mercado mundial (COSTA, 2013). Participando com uns dos principais países ativos do setor de têxtil e vestuários.

3.2 CHINA E SUA INFLUÊNCIA NA ECONOMIA BRASILEIRA

A República Popular da China é o país mais populoso do planeta terra e o terceiro em maior extensão territorial com isso tem mão de obra constante e apresenta níveis consideráveis em evolução tecnológica, educacional, industrial e comercial, sendo considerada a economia que mais cresce no mundo segundo (LANDIM, 2006).

Segundo Costa (2013) as relações comerciais entre a China e o Brasil não são de hoje, isso pode ser relatado desde a época do descobrimento, movidos pelo desejo dos europeus em conquistar o “novo mundo” os chineses pegaram carona e desembarcaram no litoral brasileiro mercantilizando produtos e implantando costumes. O Brasil na época da colônia era um grande consumidor de produtos chineses, como móveis, porcelanas, seda, sapatos, chá, arroz e fogos do artifício, e partir daí as parcerias com a China foram se tornando ampla, visto que o Brasil importava os produtos da China o qual exportava os produtos naturais brasileiros como tabaco (usado como rapé), açúcar e aguardente, interesse comercial chinês na época (NIGRI & ALVARENGA, 2011).

De acordo Nigri & Alvarenga (2011) o real valorizado e o crescimento constante chinês, serviu como estímulo para que a China tornasse um dos maiores parceiros econômicos da Brasil, resultando no maior comprador de produtos brasileiros, que computa como a soma de exportações e importações entre Brasil-China, atingiu US\$ 33,3 bilhões, pouco à frente da relação Brasil-Estados Unidos, que ficou em US\$ 32,8 bilhões. Analisando somente as exportações, a vantagem dos chineses amplia, aumentando a parceria, com US\$ 18,9 bilhões, enquanto antes era de US\$ 14,4 bilhões. O Principal interesse chinês nas exportações brasileiras são os produtos primários concentrando em minérios, combustíveis e produtos agrícolas, já o olhar brasileiro tende em importar todo tipo de produtos manufaturados como máquinas, equipamentos eletrônicos, brinquedos e produtos plásticos.

Para Soares & Castilho (2014), a China é um dos países que mais tem se destacado, com um desenvolvimento econômico impulsionado pelo aumento

considerável das exportações de produtos chineses para o mercado mundial, com isso se evidencia o poder de competitividade e vantagens frente aos concorrentes, oriundas dos baixos preços agregados aos seus produtos.

Entre os setores mais propícios a concorrência chinesa os que merecem atenção redobrada são os de calçados e acessórios, dos quais mais de 64% provém da China, os setores que incluem produtos diversos, como brinquedos, canetas, lápis e garrafas térmicas 28,8% são importados da China, cita-se também outros setores ameaçados pela China como; peles e couros 17,7%, têxtil e de vestuário 17,4%, (BIATO, 2010).

Para Costa (2013), o poder de competição da China opera em vários fatores, vale destacar a oferta abundante de mão-de-obra, a crescente elevação da produtividade industrial, a intervenção do estado na economia, câmbio desvalorizado atrelado ao dólar, e baixas taxas de juros, em relação as importações do elo da tecelagem a China atua como o principal fornecedor, de tecidos de malha que representam o maior valor de importações.

A China é o país que o Brasil mais importou, praticamente 87,6% do total importado desse produto, entre tecidos, a China também faz presente como o maior importador para o Brasil, com uma participação de 26%, seguida da Argentina 14,6%, dos Estados Unidos 11,7% e da Coreia do Sul 10,5%. Tecidos especiais a China computa 49,4% da importação. Com isso mostra a procura dos produtores brasileiros de matéria prima com preços menores para competirem no mercado interno, o faturamento brasileiro de tecidos vem aumentando, na figura 3.1 a evolução das importações desse elo da tecelagem do mercado da China nos anos de 1990 a 2010 (COSTA, 2013):

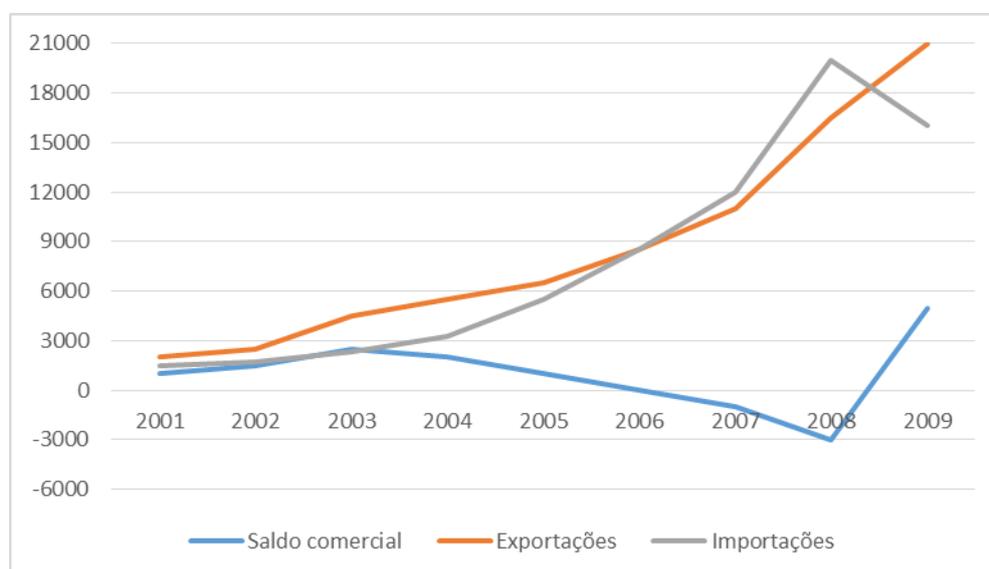
Figura 3.1 - Importações brasileiras da China de tecidos especiais, impregnados e de malha - 1990/2010

ANO	Tecidos especiais		Tecidos Impregnados		Tecidos de Malha		TOTAL
	Mil US\$ FOB	%	Mil US\$ FOB	%	Mil US\$ FOB	%	Mil US\$ FOB
1990	0,0	0,0	9,0	69,2	4,0	30,8	13,0
1995	529,0	28,3	166,0	8,9	1.175,0	62,8	1.870,0
2000	1.427,0	30,3	3.012,0	64,0	264,0	5,6	4.703,0
2005	9.778,0	33,5	9.010,0	30,9	10.363,0	35,6	29.151,0
2010	50.414,0	8,6	73.198,0	12,6	459.607,0	78,8	583.219,0

Fonte: MTAB – www.mtab.gov.br apud ARAÚJO (2006).

Conforme Soares & Castilho (2014), isso caracteriza a China como um dos mercados mais importantes dos últimos anos no setor de têxteis e confecções, um dos maiores responsáveis pela década ao longo da década de 2000 pela formação de superávits comerciais, como pode-se ver no gráfico 3.2 abaixo.

Gráfico 3.2 - Balança comercial Brasil-China na década de 2000 (em bilhões de dólares).



Fonte: SECEX (2013) apud Soares (2013), adaptado pelo autor (2016).

Uma maior relação comercial Brasil- China são necessárias mudanças, difíceis de serem efetivadas, visto que o mercado chinês é mais importante para o Brasil, que o mercado brasileiro para a China, isso diminuindo em base o poder de barganha do Brasil (SOARES & CASTILHO, 2014).

3.3 IMPACTOS DAS EXPORTAÇÕES NO SETOR TÊXTIL E DE CONFECÇÕES DE PERNAMBUCO

A Participação pernambucana no comércio internacional deve-se dizer que é bastante singela e tímida, com uma participação em declínio em relação as exportações, tendo como base o período de 1996-2005 o estado de Pernambuco exportava aproximadamente o mesmo que o estado do Ceará. Na mesma época a Bahia praticamente multiplicava quatro vezes mais suas exportações 1996-2005, enquanto Pernambuco crescia lentamente em comparação a esses estados do Nordeste, pouco mais que duplicava sua inserção no mercado internacional, (ARAÚJO, 2006).

No setor de confecções nos últimos anos o estado de Pernambuco declinou de maior exportador nordestino de confecções, passando para a segunda posição, exportando praticamente a metade que o estado do Ceará exportou no ano de 2005. Em comparação a Bahia e Rio Grande do Norte que têm uma indústria bem menor de confecções esses números praticamente se equiparam (SEBRAE, 2013).

Como destaque pode-se citar que no mesmo período, as exportações pernambucana não apresentaram crescimentos 1996-2005 enquanto no mesmo período o Ceará triplicou sua base. Em Pernambuco pouco mais de US\$ 1,2 milhão foram importados em 2005, antes US\$ 1,09 milhões no ano interior, de acordo com Araújo (2006).

Em 2005, as importações de confecções computaram um total de US\$ 1,2 milhão importado por Pernambuco, US\$ 332 mil foram de origem chinesa. Em comparação a 2004, para um total de US\$ 1,09 milhão importado, US\$ 187 mil eram da China (VIANA, 2005 *apud* ARAÚJO, 2006)

Com isso abre espaço para a competição com os produtos chineses, para o SEBRAE (2013) embora as importações de confecções chinesas tenham saltado quase 90% no comércio exterior pernambucano, considerando uma base bastante pequena, com isso não se pode concluir, indícios de perda de mercado dos produtos produzidos localmente. O que acontece é um deslocamento dos fornecedores tradicionais que antes existiam, enfatiza-se o caso do Ceará, com as importações oriundas da China tendo pulado pouco mais de US\$ 9 mil em 2004 para quase US\$ 345 mil em 2005, representando mais de 38 vezes o ano anterior. O Ceará apresentou no mesmo período

considerado, uma queda das importações totais de confecções de US\$ 561 para US\$ 412 mil, isso resulta que a China ganha uma maior participação no mercado cearense, adquirindo uma maior fatia do mercado cearense (ARAÚJO & PEREIRA, 2006).

Segundo o SEBRAE (2013), a China, em particular, e os países asiáticos, em geral, são os grandes competidores externos do Polo de Confecções do Agreste, não somente no mercado do Agreste pernambucanos, mas de toda a indústria brasileira de confecções.

Para a Folha de São Paulo (2012), cada ano a ameaça cresce, comparando com os anos posteriores a 2002: o percentual do consumo interno de peças de vestuário e acessórios atendido por importações, no Brasil, passou de 0,9%, em 2002, para 10%, no terceiro trimestre de 2011. A previsão é que o mesmo indicador chegue, em 2012, a 12,5%):

“Importação de vestuário no Brasil bate recorde. O Brasil nunca importou tantos casacos, ternos, camisas masculinas e femininas, roupas íntimas, camisetas e roupas para bebês como no primeiro bimestre deste ano. (...). As compras de vestuário de outros países ultrapassaram US\$ 462 milhões, 72,5% mais em relação a igual período de 2011, quando as importações já haviam batido recordes. O cenário reflete (...) o crescimento das vendas das roupas mais em conta da indústria de confecção da China, que responde por 60% de tudo o que o Brasil compra” Folha de São Paulo (2012).

As reações também já se articulam, lideradas por entidades nacionais:

“Indústria têxtil pede ao governo cotas para importação de roupas. O setor privado solicitou ao governo que adote uma barreira contra a importação de roupas. A Associação Brasileira da Indústria Têxtil (Abit) protocolou um pedido de investigação de salvaguarda para vestuário, alegando que está ocorrendo um "surto" de importações de roupas no País, que causa prejuízos à indústria nacional. ” SEBRAE (2013).

É difícil que as medidas permanentes de restrição, adicionais às já existentes (a tarifa brasileira de importação de produtos de vestuário é de 35%), sejam adotadas. Os produtores do Agreste irão ter que suportar o constante crescimento da ameaça da competição internacional, assim como já convivem com os perigos originados dentro do

próprio país. O maior dilema é aumentar a competitividade, ao mesmo tempo em que reduzem a informalidade que é tão presente na região, e como de fato, as leis tributárias, trabalhistas e ambientais (SEBRAE, 2013).

Analisando um cenário de maior contexto e consumo considerando o acordo Brasil-China de limitação de importações fechado em fevereiro de 2006, o setor de confecções Pernambucano, especialmente as indústrias localizadas no Agreste do estado, precisam implementar ações que visem, sobretudo, garantir sua sobrevivência diante de aumento da concorrência, é perceptível uma falta de investimentos em inovação de produtos, processos e novos mercados (ARAÚJO & PEREIRA, 2006).

No que diz respeito a criação de modelos e desenvolvimento de coleções:

“Sendo as empresas definidas como aquelas unidades produtivas que fabricam um produto final, elas precisam resolver o problema de que modelos fabricar. Mais da metade das vezes (53%), elas resolvem isso pela simples cópia: há uma prática generalizada, no Polo, de um produtor copiar os produtos do outro ou, então, os dois copiarem o mesmo produto de um terceiro. 59% dos casos, elas fazem “criação própria”. O empresário indicar mais de uma opção de método: alguns deles tanto copiam como fazem criação própria, de modelos diferentes, claro” (SEBRAE, 2013).

Em relação aos modelos produzidos no polo, boa parte são cópias de algum modelo de marca notória, ou seja, os empreendimentos focam em comprar uma peça e fazer uma similar uma pequena parcela das empresas fazem criação. Com isso é mais competitivo e barato adquirir o produto oriundo da China, (ARAÚJO & PEREIRA, 2006).

CAPÍTULO 4 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A seguir, serão apresentados os procedimentos metodológicos da pesquisa.

4.1 METODOLOGIA

Pela metodologia o pesquisador pode avaliar e ter noção de fato do cenário onde se apresenta o problema, dessa forma traça pareceres durante a realização do trabalho científico. Segundo Vergara (2009), “o valor da metodologia para a pesquisa pode ser mensurado como um conjunto das atividades sistemáticas e racionais que de certo modo passa maior segurança ao instrumento de pesquisa, permite alcançar o objetivo esperado, são conhecimentos válidos e verdadeiros, seguindo um caminho estabelecido previamente a modo de detectar erros e auxiliando as decisões do cientista”.

4.2 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Este trabalho tem como objetivo analisar como a China exerce influência no Arranjo Produtivo Local de confecções, diagnosticando o cenário atual da cadeia produtiva têxtil e de confecções do Agreste pernambucano sobre o impacto do produto chinês nos municípios de Caruaru, Toritama e Santa Cruz do Capibaribe. Municípios estes que são as maiores referências para o Polo de Confecções do Agreste pernambucano. Partindo do pensamento de Vergara (2009), que aponta duas visões com relação à pesquisa: quanto aos fins e quanto aos meios.

Quanto aos fins esta pesquisa pode ser considerada como exploratória e descritiva. Exploratória, pois tem função de criar uma investigação bibliográfica sobre o conteúdo buscando um maior entendimento e certificar o estudo sobre a cultura regional que incide no APL do Agreste pernambucano. A pesquisa caracteriza-se por ser uma pesquisa descritiva, ao modo que tende a identificar os fatores que afetam o desenvolvimento do segmento de confecções de Pernambuco, focado no polo do Agreste. Por meio da aplicação de questionários de pesquisa junto aos empresários do setor buscou-se explorar o Polo de Confecções como Arranjo Produtivo Local, examinando os fatos sobre o mesmo, na tentativa de responder a pergunta de pesquisa.

Conforme Gil (2008), a pesquisa exploratória depende da intuição do explorador e de quem realiza essa implantação dos questionários, ou seja, o objetivo principal é aperfeiçoar ideias. Esse tipo de pesquisa é de metodologia muito específica, quase sempre ela assume a forma de um estudo de caso.

Pesquisas descritivas utilizam como objetivo primordial a descrição das características de uma população, fenômeno, relação entre variáveis, ou a de uma experiência. Esta pesquisa pode constar uma coleta de dados padronizada, o questionário (Gil, 2008).

Os meios desta pesquisa, considera-se como de campo e bibliográfica.

Pesquisa de campo, pois serão aplicados questionários aos empresários de empresas de grande, médio, pequeno porte e micro empreendimento. Onde será feita uma análise quantitativa dos dados coletados, objetivando um aprofundamento dos fatos.

A pesquisa também se caracteriza como bibliográfica, pelo motivo de ter como base artigos, livros, periódicos, internet, referentes ao tema levantado como fundamentação teórica, pois estes possibilitam um aprofundamento no estudo dos dados e a previsão de resultados semelhantes ou contrastantes com base no que foi esperado no início da pesquisa (YIN, 2001).

A abordagem é quantitativa e qualitativa: quantitativa em razão da aplicação e tabulação de questionários conforme a estratégia de pesquisa escolhida, mais especificamente trata-se de um estudo de multicasos, que deram condições de transformar as informações coletadas em números; e qualitativa, pois o esclarecimento das informações foi feito através da interpretação dos dados coletados.

4.3 TIPOS DE FONTES

Este trabalho classifica-se como fonte primária ou direta e secundária.

Primária, porque serão coletados dados de forma direta, aos empresários do APL do Polo de Confecções do Agreste pernambucano, através de questionários e documentos em arquivos institucionais, ou seja, pode-se dizer documental, e secundária, devido à utilização de material, livros e artigos já publicados.

4.4 UNIVERSO E AMOSTRA

A seleção dos entrevistados foi não probabilística, por conveniência, acessibilidade e proximidade, pois se considerou a disponibilidade dos empreendedores em participar das entrevistas.

Para Yin (2001), podemos dividir em tarefas o início a pesquisa de campo, a etapa de recolhimento de dados define-se em três tarefas características: (1) definição de população e amostra, com isso está presente as informações que envolvem o universo a ser estudado, (2) coleta de dados, modelo de descrição da técnica utilizada para coleta de dados e, (3) análise de dados, onde a está presente a descrição dos procedimentos a serem adotados na tabulação e análise dos dados.

O universo de estudo tem como participantes as empresas de confecção do APL do Agreste que estão localizadas nas cidades de Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe e Toritama. Responsáveis por 77% por cento da capacidade produtiva do Polo de Confecções do Agreste, tende-se a escolha dessas três cidades para a melhor compreensão deste universo.

Definiu-se o universo com base nos dados da RAIS de 2015, que apresentou para os três municípios em estudo um total de 395 empresas de pequeno porte (de 10 a 99 empregados), de médio porte (de 100 a 499 empregados) e empresas de grande porte (acima de 500 empregados). A distribuição dessas empresas por cidade se deu da seguinte forma: 195 na cidade de Caruaru, 140 empresas na cidade de Santa Cruz do Capibaribe e 60 empresas na cidade de Toritama. Para definição da amostra foi considerado:

- Erro relativo máximo da estimativa de 10%
- Nível de confiança de 90%
- Universo de 395 empresas

$$n = \frac{N \cdot \hat{p} \cdot \hat{q} \cdot (z_{\alpha/2})^2}{\hat{p} \cdot \hat{q} (z_{\alpha/2})^2 + (N - 1) \cdot E^2} \quad n = \frac{395 \cdot 0,25 (1,645)^2}{0,25(1,645)^2 + (395 - 1) \cdot 0,1^2} = 59$$

Fonte: Medeiros (2011)

Onde:

n = Número de indivíduos na amostra.

N = Número do universo populacional.

$z_{\alpha/2}$ = Valor crítico que corresponde ao grau de confiança desejado.

p = Proporção populacional de indivíduos que pertence a categoria que se tem interesse em estudar.

q = Proporção populacional de indivíduos que NÃO pertence à categoria que não se tem interesse em estudar ($q = 1 - p$).

E = Margem de erro ou Erro máximo de estimativa.

Tomando como base a equação acima e a proporção de empresas por cidade no universo estudado, a amostra correspondente a 30 empresas no município de Caruaru, 21 empresas em Santa Cruz do Capibaribe e 9 empresas na Cidade de Toritama, totalizando 60 empresas entrevistadas.

4.5 ESTRATÉGIA DE COLETA DE DADOS

Na coleta de dados implantou-se um questionário semiestruturado (Apêndice A), baseado em questionários propostos por Silva (2014). Neste questionário procurou-se:

- I. Caracterizar a empresa: analisar o nicho empresarial das unidades produtivas no Polo de Confecções do Agreste pernambucano, identificando essa participação econômica na região.
- II. Caracterizar o APL Polo de Confecções: Analisar o grau de interação entre as empresas e participação dos atores envolvidos nesse APL, garimpar indícios que no Agreste pernambucano há existência de um Arranjo Produtivo forte economicamente para o desenvolvimento local.
- III. Identificação da concorrência externa: Colher a sensibilidade dos empresários em relação a concorrência de produtos oriundos da China aos produzidos naquela região.

Questionário elaborado com 11 perguntas distribuídas em múltiplas escolhas.

Para a análise dos dados coletados foi utilizado o *software* Microsoft Excel e Microsoft Word, que auxiliou codificação, agrupamento e tratamento destes dados.

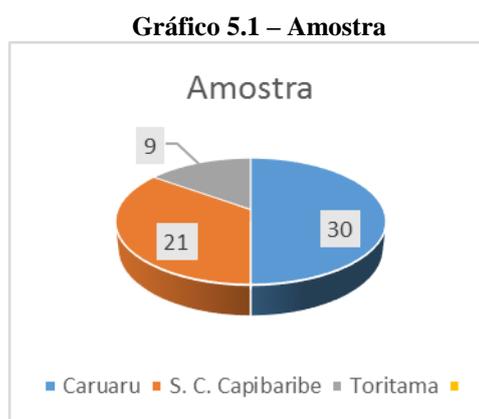
CAPÍTULO 5 - ANÁLISE DOS DADOS NO POLO DE CONFECÇÕES DO AGRESTE.

5.1 CARACTERIZAÇÃO DAS EMPRESAS

A pesquisa abordou as unidades produtivas do APL do Agreste pernambucano, a amostra contendo 60 empresários, gerentes e responsáveis das empresas de pequeno, médio, grande porte e microempresas, que contenham mais de 10 funcionários no setor de confecções dos municípios de Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe e Toritama, municípios esses escolhidos por conta do maior referencial econômico que essas três cidades estabelecem em relação as demais do Polo de Confecções do Agreste pernambucano.

Visto que o Agreste pernambucano tem um número expressivo de unidades de confecções caracterizando como um polo, a pesquisa foi fundamentada em 30 empresas no município de Caruaru, 21 empresas no município de Santa Cruz do Capibaribe e 9 empresas na cidade de Toritama, com isso a análise partiu monitorando uma melhor estruturação nas respostas e confiança nos resultados obtidos,

A seguir o gráfico 5.1 apresenta a quantidade de empresas na amostra distribuída por cidades:



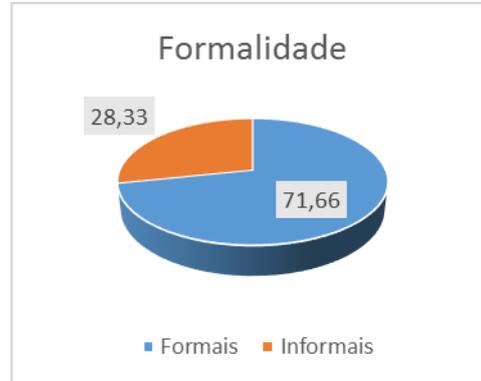
Fonte: Pesquisa de campo (2016)

Em relação a informalidade, as empresas do Polo de Confecções do Agreste apresentaram um nível de formalidade superior a 70%, da amostra coletada 71,66% das empresas foram formais e o restante 28,34% informais, sabe-se que a coleta foi estabelecida nos centros comerciais, em feiras a realidade poderá apresentar outros

dados.

A seguir, no gráfico 5.2 o nível de formalidade em todo o Polo de Confeções:

Gráfico 5.2 – Nível de formalidade em todo o Polo de Confeções

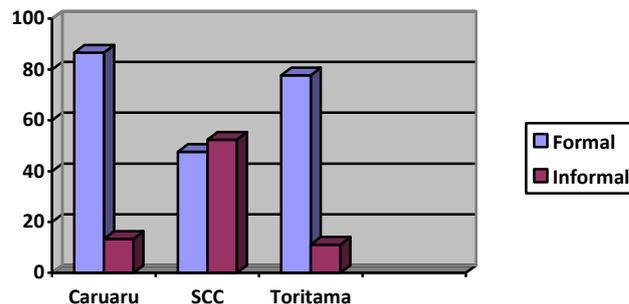


Fonte: Pesquisa de campo (2016)

Em comparativo entre as cidades, a informalidade é alarmante em Santa Cruz do Capibaribe, a cidade apresentou um nível de informalidade superior ao de empresas formalizadas, a pesquisa aponta que na cidade 52,38% das empresas são informais, já a cidade de Caruaru computa 86,66% de empresas formalizadas e Toritama com 77,77% de empresas formalizadas.

A seguir, no gráfico 5.3, o nível de formalidade entre as cidades do polo:

Gráfico 5.3 – Nível de formalidade entre as cidades do polo

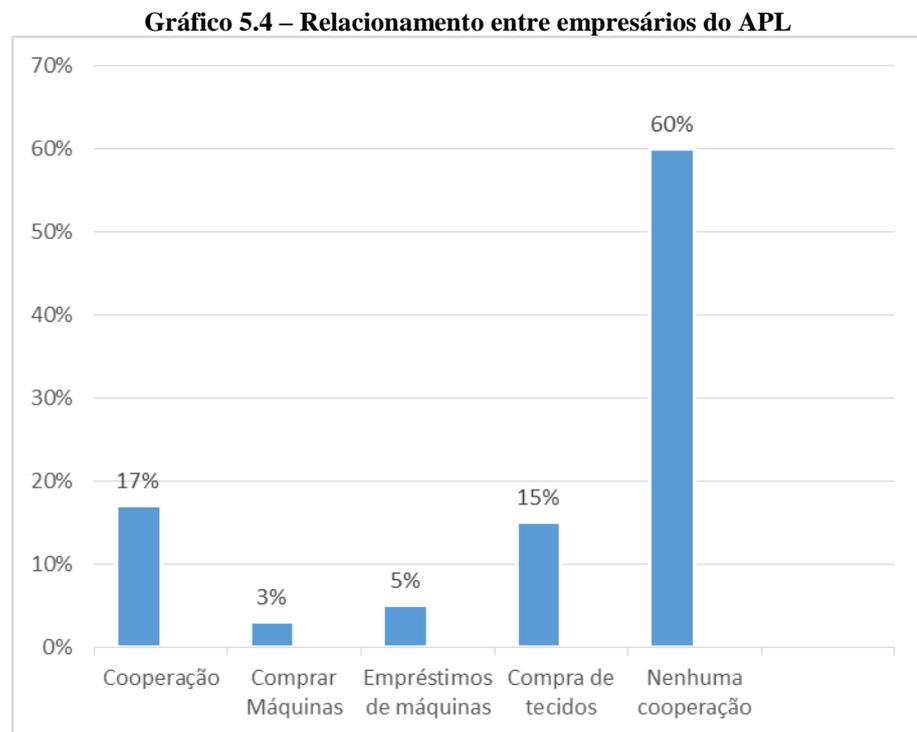


Fonte: Pesquisa de campo (2016)

5.2 IDENTIFICAÇÃO DO APL DO POLO DE CONFECÇÕES

Na pergunta 3, 60 % dos empresários do APL do Polo de Confeccões realizam algum tipo de cooperação com outros funcionários, enquanto 17% cooperam com o problema um do outro, 15% fazem compra conjunta para baratear os tecidos, 5% emprestam suas máquinas, 3% realizam compra conjunta de máquinas.

A seguir, o gráfico 5.4 apresenta esse relacionamento entre empresários do APL:



Fonte: Pesquisa de campo (2016)

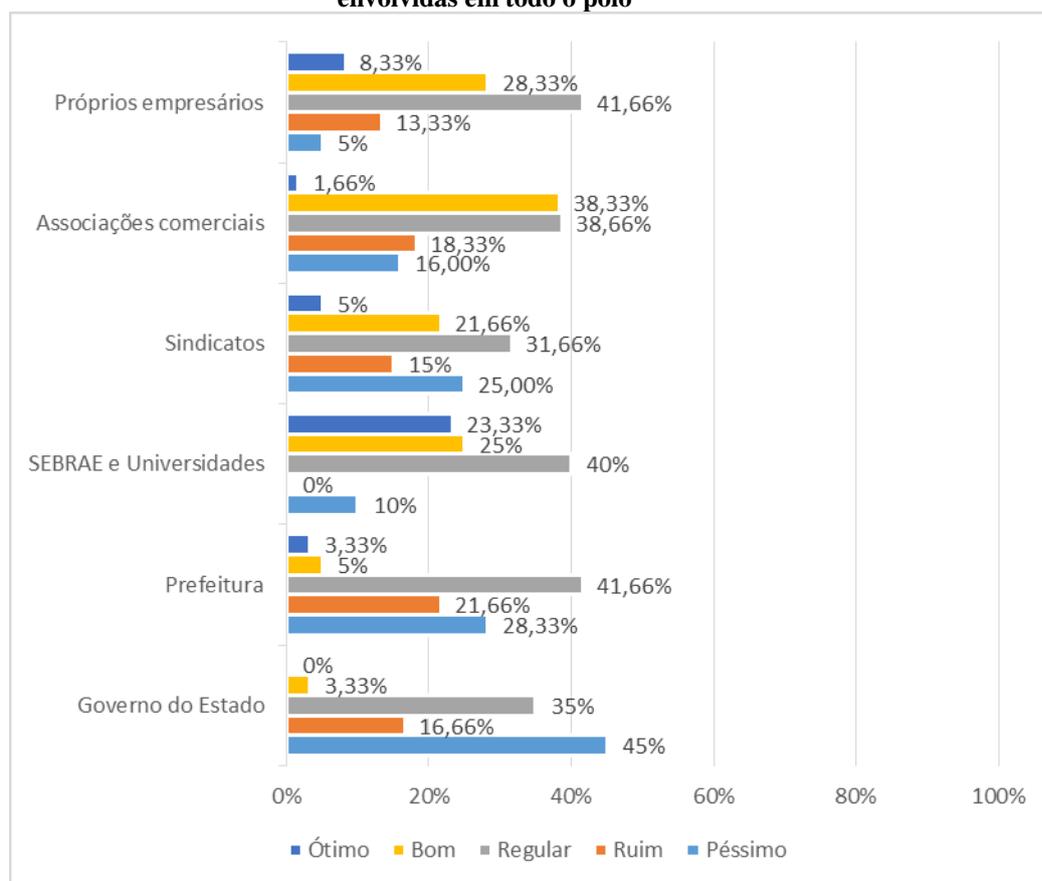
O gráfico 5.4 deixa notável o número elevado de empresários que não realizam nenhum tipo de parceria com os outros empresários, 60% dos empresários não se relacionam entre si é um número elevado para um APL, com isso, deixa claro que cada um usufrui da sua parcela de mercado, eles buscam seus próprios interesses, mercados e parceiros.

A pergunta 4 avalia a participação das entidades (Governo do Estado, Prefeitura, SEBRAE e as Universidade, Sindicatos, Associações comercial e o próprios

empresários) para o sucesso do comércio do polo do Agreste.

A seguir, o gráfico 5.5 mostra essa avaliação pelos empresários de todo o polo:

Gráfico 5.5 – Avaliação, notas de 1 a 5 (péssimo a ótimo) para a participação das entidades envolvidas em todo o polo



Fonte: Pesquisa de campo (2016)

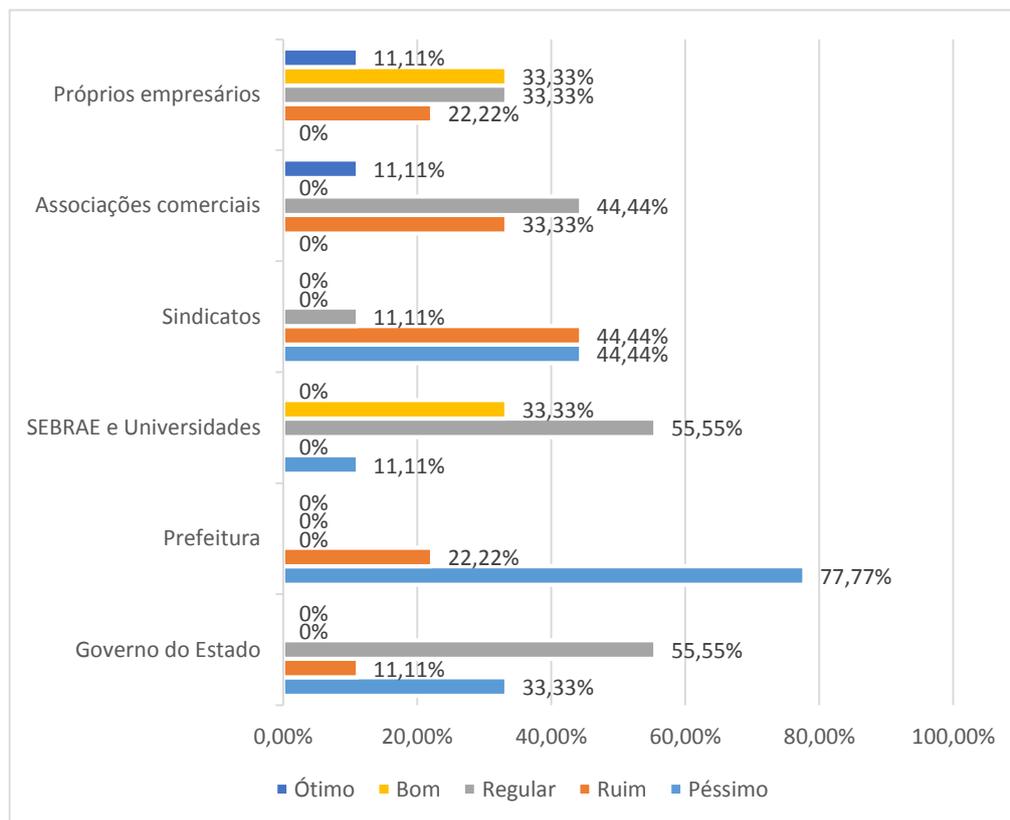
Nessa avaliação total com todos empresários do Polo de Confecções, 45% dos entrevistados relataram que a participação do Governo do Estado é péssima na região, a grande maioria, afirma como regular a participação das demais entidades, com 41,66% para a participação da prefeitura, 40% para SEBRAE e universidades, 38,33 para as associações comerciais e 41,66% entre os próprios empresários.

Em comparação por cidades na pergunta 4, é visto que, no município de Toritama os participantes da pesquisa desaprovam a atuação da prefeitura com 77,77% afirmando como péssima a participação do órgão público, em 44,44% dos entrevistados afirmam como péssima a atuação dos sindicatos na cidade, com a pior avaliação entre

os demais:

A seguir, o gráfico 5.6 mostra essa avaliação pelos empresários de Toritama:

Gráfico 5.6 – Avaliação, notas de 1 a 5 (péssimo a ótimo) para a participação das entidades envolvidas na cidade de Toritama-PE

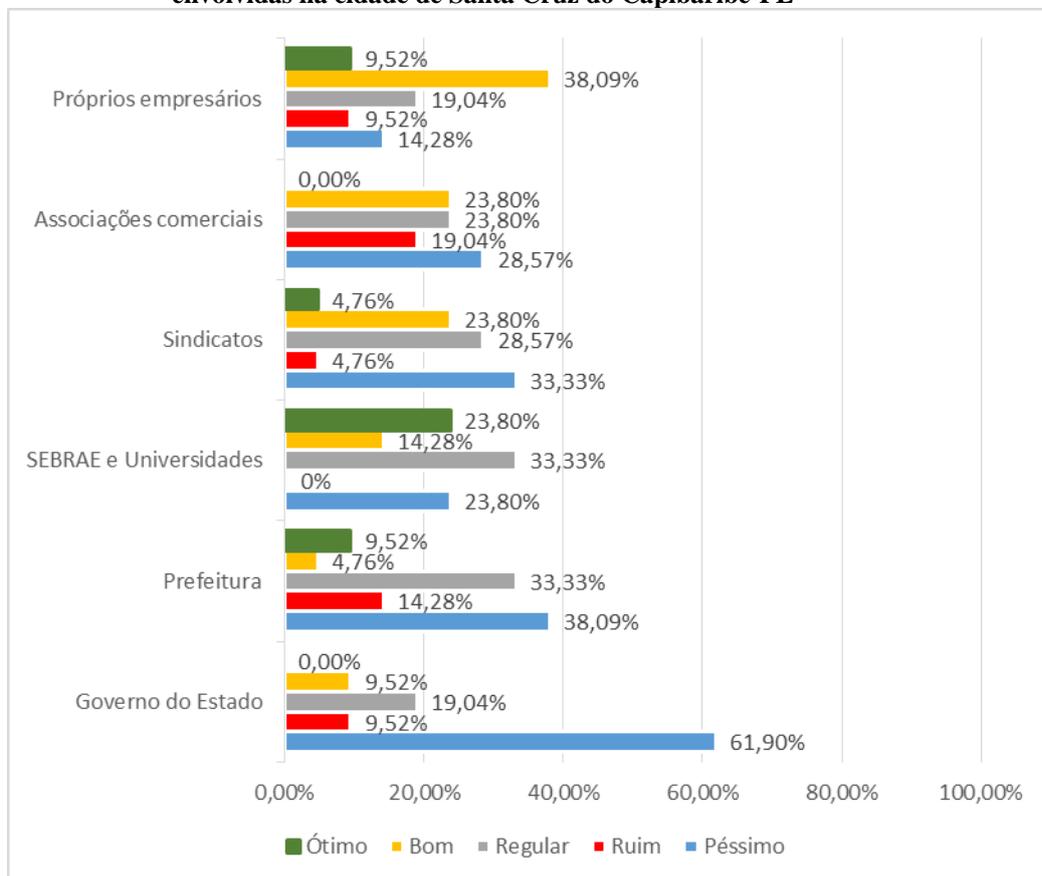


Fonte: Pesquisa de campo (2016)

Já na cidade de Santa Cruz de Capibaribe os participantes relacionaram que os órgãos atuam como “oportunistas” com essa cultura já presente na cidade, a pior avaliação foi da participação do Governo do Estado foi em S.C.C. com 61,90%, seguida pela prefeitura de Santa Cruz do Capibaribe com 38,09%, Sindicatos com 33,33% e a Associação comercial da cidade com 28,57% a grande maioria afirmando péssima atuação desse órgãos, Regular para o SEBRAE e universidades com 33,33% da maioria e uma boa avaliação para os próprios empresários com 38,09%.

A seguir, o gráfico 5.7 mostra essa avaliação pelos empresários de Santa Cruz do Capibaribe:

Gráfico 5.7 – Avaliação, notas de 1 a 5 (péssimo a ótimo) para a participação das entidades envolvidas na cidade de Santa Cruz do Capibaribe-PE

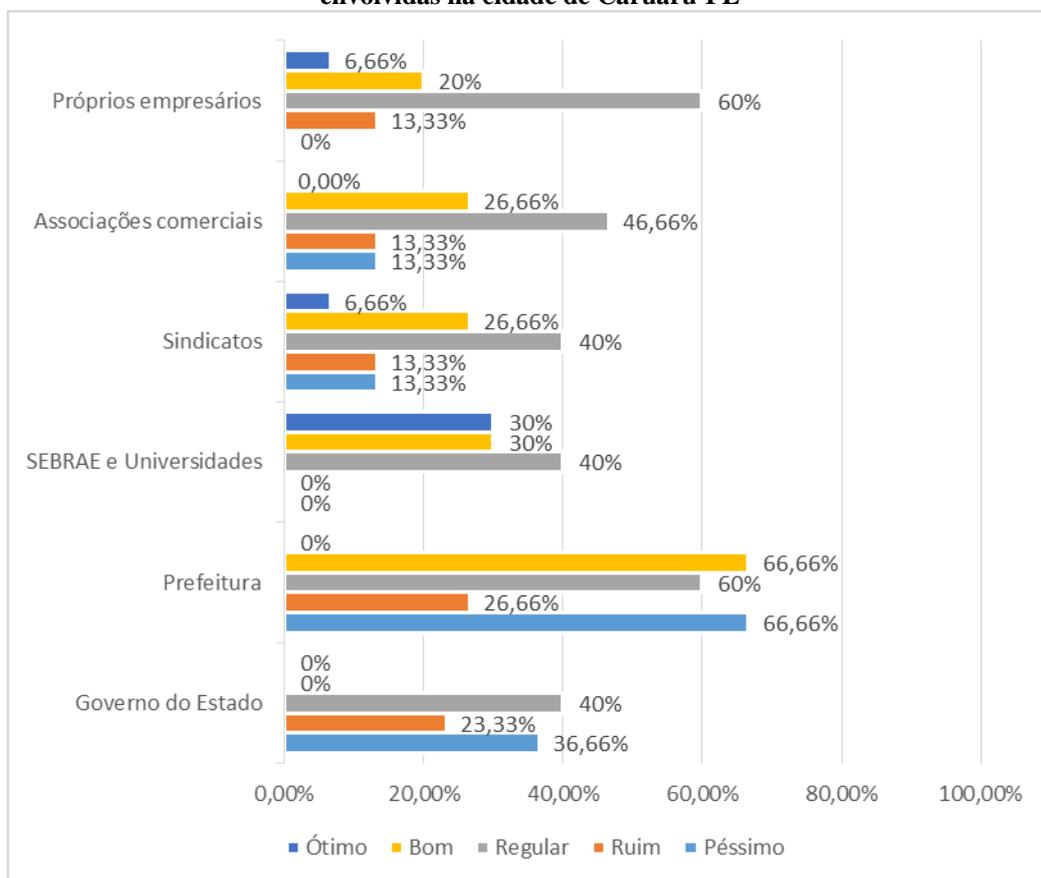


Fonte: Pesquisa de campo (2016)

Em Caruaru, os entrevistados da pesquisa avaliam as entidades mais atuantes, levando em consideração as outras cidades, a cidade avalia como “Regular” a participação das entidades, Governo do Estado 40% da maioria dos entrevistados, 60% Prefeitura, 40% SEBRAE e as universidade, 40% para os sindicatos do setor, 46,66% para ACIC a associação da cidade e 60% para os próprios empresários.

A seguir, o gráfico 5.8 mostra essa avaliação pelos empresários de Caruaru:

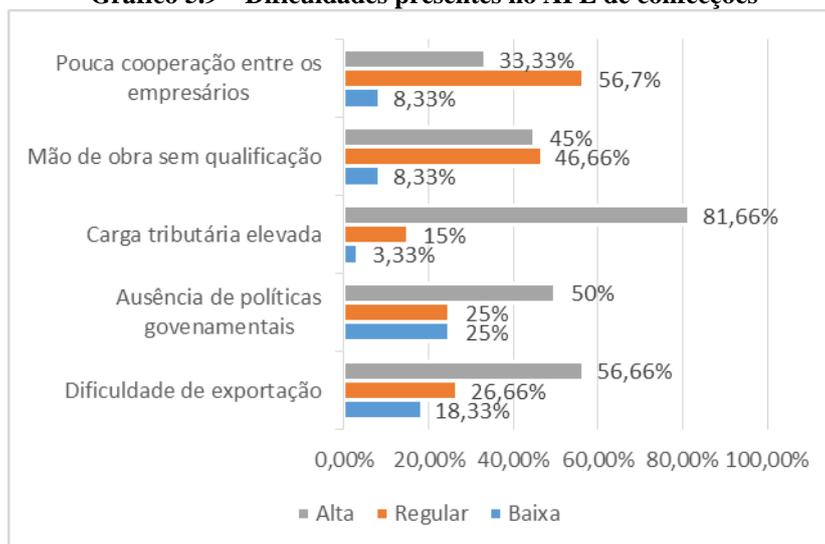
Gráfico 5.8 – Avaliação, notas de 1 a 5 (péssimo a ótimo) para a participação das entidades envolvidas na cidade de Caruaru-PE



Fonte: Pesquisa de campo (2016)

Na pergunta 5, analisa as dificuldades presentes no APL de confecções pode-se ter uma análise geral entre as cidades, entre os pontos, a grande maioria afirma que é alta a dificuldade de exportar 56,66%, já a ausência de políticas governamentais 50% dos entrevistados relata com alta, a maior computada foi a carga tributária elevada com 81,66% dos entrevistados, para qualificação da força de trabalho é afirmado como regular por 46,66% dos entrevistados, regular para a pouca cooperação entre os empresários.

A seguir, o gráfico 5.9 mostra as dificuldades presentes no APL de confecções:

Gráfico 5.9 – Dificuldades presentes no APL de confecções

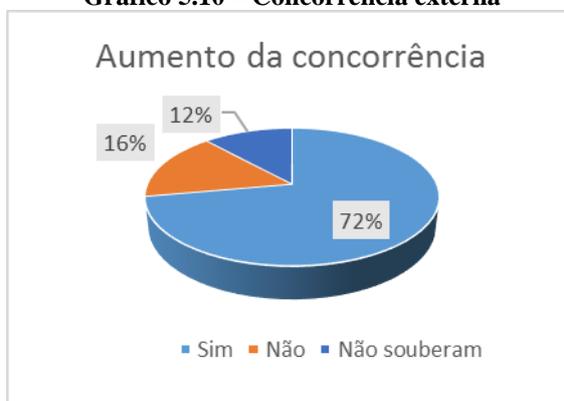
Fonte: Pesquisa de campo (2016)

O mais evidente como prejudicial entre as três cidades é a carga de tributos elevadas, os participantes da pesquisa (8 em cada 10) se queixaram do alto valor cobrados pelas entidades.

5.3 IDENTIFICAÇÃO DA CONCORRÊNCIA EXTERNA

O aumento da concorrência é perceptível de modo evidente na região entre os entrevistados em todo o polo, o gráfico abaixo mostra que, mais de (70%) dos empresários relataram que a concorrência aos produtos produzidos na região aumentou.

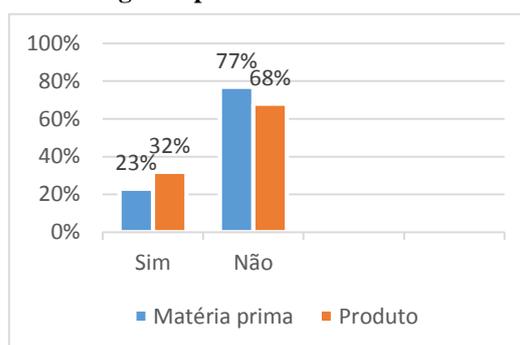
A seguir, o gráfico 5.10 mostra o aumento da concorrência externa no APL de confecções:

Gráfico 5.10 – Concorrência externa

Fonte: Pesquisa de campo (2016)

Na pergunta 7 e 8 é visto a aquisição entre os empresários do Polo de Confeccões de matéria prima e produtos importados, apenas 23% dos entrevistados afirmam que compram matéria prima de outros países, 32% relatam que compram produtos confeccionados importados, todos os produtos importados relatados na pesquisa são oriundos de um único fornecedor (país), a China, responsável por 100% dos produtos importados, que são importados diretamente para a região do Agreste pernambucano ou utiliza outro estado como escala (São Paulo, Santa Catarina) até chegar ao Polo de Confeccões de Pernambuco.

A seguir, o gráfico 5.11 mostra as empresas que importam produtos e matéria prima no Polo de Confeccões do Agreste pernambucano:

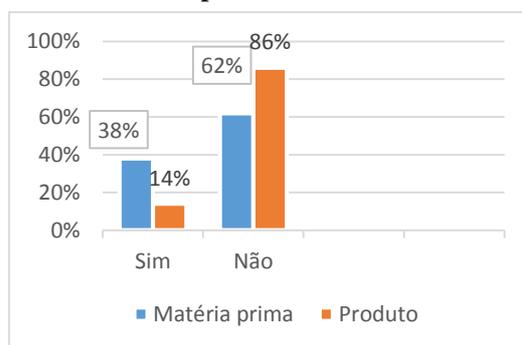
Gráfico 5.11 – Empresas que importam produtos e matéria prima no Polo de Confeccões do Agreste pernambucano

Fonte: Pesquisa de campo (2016)

Entre as três cidades a que mais importa matéria prima (aviamentos, tecidos) da China é Santa Cruz do Capibaribe com 38,09% dos entrevistados, já a importação de produtos confeccionados computa 23,33% inferior ao município de Caruaru.

A seguir, o gráfico 5.12 mostra as empresas que importam produtos e matéria prima em Santa Cruz do Capibaribe:

Gráfico 5.12 – Empresas que importam produtos e matéria prima em Santa Cruz do Capibaribe

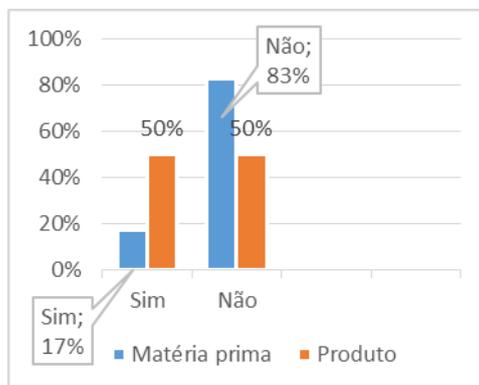


Fonte: Pesquisa de campo (2016)

Já no município de Caruaru a importação de produtos confeccionadas é superior as demais cidades do polo, para cada 10 peças de Caruaru 5 são importadas, diferente da importação de matéria prima que computa apenas 17% dos empresários entrevistados.

A seguir, o gráfico 5.13 mostra as empresas que importam produtos e matéria prima em Caruaru:

Gráfico 5.13 – Empresas que importam produtos e matéria prima em Caruaru

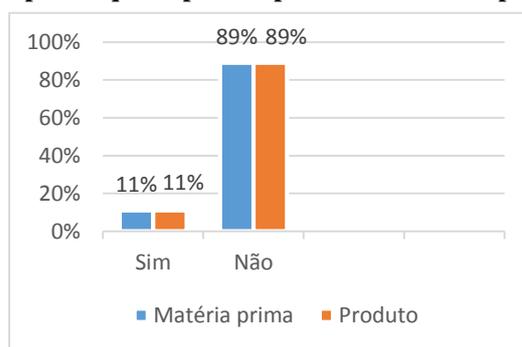


Fonte: Pesquisa de campo (2016)

Em Toritama, a participação de importações é a menor entre as cidades do Polo de Confecções com apenas 11% das importações de matérias primas, computando os também 11% para a importação de produtos.

A seguir, o gráfico 5.14 mostra as empresas que importam produtos e matéria prima em Toritama:

Gráfico 5.14 – Empresas que importam produtos e matéria prima em Toritama

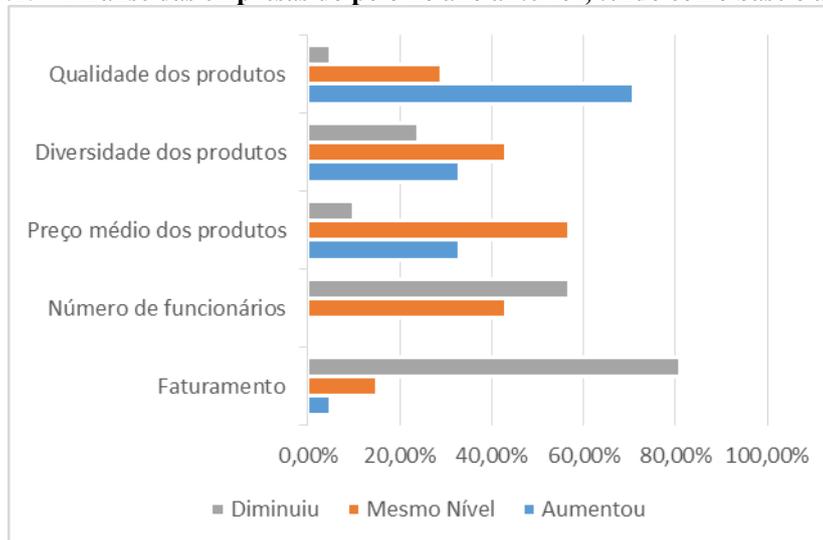


Fonte: Pesquisa de campo (2016)

Em todo o polo, na pergunta 9 onde avalia a relação ao ano anterior as empresas do polo, o faturamento diminuiu mais de 80% em relação a 2015, a metade dos entrevistados afirmaram que o número de funcionários caiu, já o preço médio dos produtos se mantem no mesmo nível com 53% da maioria dos entrevistados, 46,66% a diversidade dos produtos e 53,33% admitem que a qualidade dos produtos continua no mesmo nível.

A seguir, no gráfico 5.15 na pergunta no questionário que diz a respeito à empresa no ano anterior de 2015.

Gráfico 5.15 – Análise das empresas do polo no ano anterior, tendo como base o ano de 2015

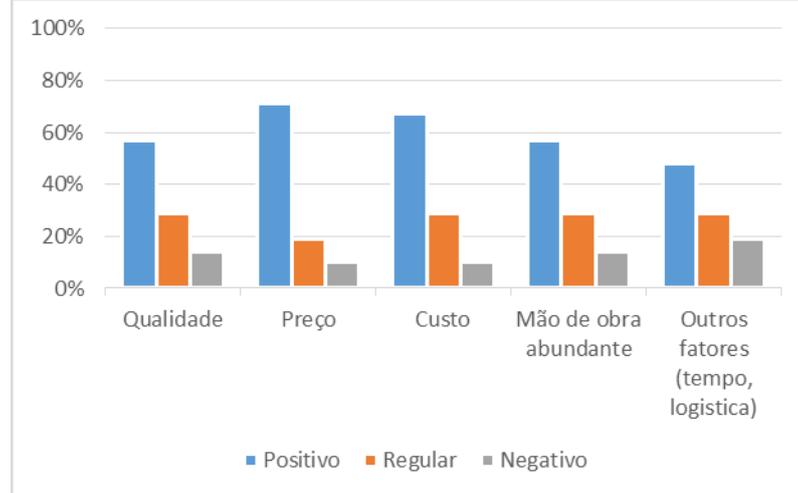


Fonte: Pesquisa de campo (2016)

Em relação ao impacto do produto chinês (pergunta 10) em comparação aos produtos presentes no Polo de Confecções, eles avaliam como positivo, desaprovando apenas fatores relacionados na demora de obtenção desse produto,

Em todo o polo 46,66% avaliam como positivo a qualidade no acabamento do produto chinês, 48,33% admitem que preço é um fator muito relevante e positivo desses produtos, 46,66% afirmam que o custo de adquirir o produto chinês é favorável, abundância de mão de obra é um ponto positivo apresentada pelos chineses, em contrapartida a maioria 36,66% acham negativa a opção “outros fatores”, como: tempo na aquisição deste produto, logística na entrega dos produtos chineses.

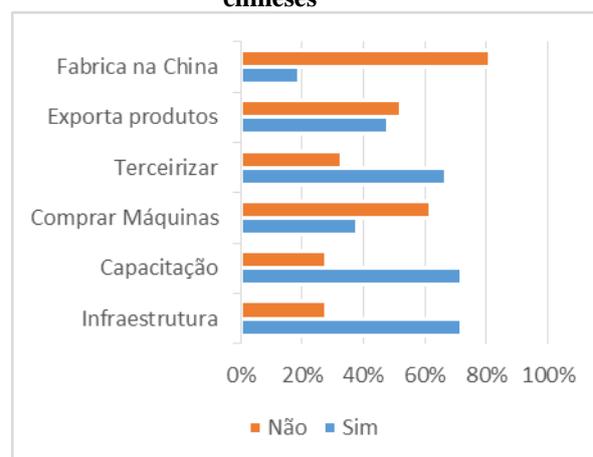
A seguir, o gráfico 5.16 analisa o impacto dos produtos chineses em todo o polo:

Gráfico 5.16 – Avaliação do impacto dos produtos chineses na região do polo

Fonte: Pesquisa de campo (2016)

Na pergunta 11, na qual pergunta-se a alternativa que os empresários realizam para competir com a influência chinesa no Polo de Confecções, um ponto é interessante, os participantes da pesquisa reprovam em 81,33% a fabricação de produtos na China como alternativa para competir com esse impacto chinês.

A seguir, o gráfico analisa atividades utilizadas pelos empresários para competir com os produtos chineses:

Gráfico 5.17 - Atividades utilizadas pelos empresários para competir com os produtos chineses

Fonte: Pesquisa de campo (2016)

Os dados do gráfico 5.17 refletem as alternativas que os empresários não utilizam como válidas para competir com a China entre elas, são: Compra de máquinas 51,66%, fabricar os produtos na China 81,33%, já as alternativas que eles afirmam como úteis

para ganhar em competitividade, são: Investir em infraestrutura (novas lojas, fábricas) 68,33%, capacitação de mão de obra 76,66%, terceirizar serviços 55% e exportar produtos alegam 51,66% dos entrevistados.

CAPÍTULO 6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa implantada visou analisar o perfil dos empresários que compõem o Arranjo Produtivo Local do Polo de Confecções do Agreste pernambucano e a participação das entidades envolvidas na região (Governo do Estado, prefeituras, sindicatos, associações, SEBRAE, universidades e os próprios empresários) e seu nível de participação na região onde encontra-se o APL, visto que os dados obtidos são satisfatórios, a modo que, foi perceptível diversos fatores que fazem parte do polo como a caracterização do polo, cooperação entre os empresários, identificação da concorrência externa, o envolvimento do poder público no APL e as suas assistências estabelecidas como suporte para alavancar no nível de competitividade do polo da “*sulanca*”.

A informalidade é evidente na região, principalmente na cidade de Santa Cruz do Capibaribe (onde teve mais nível de informalidade da pesquisa), em análise, pode-se evidenciar um alerta para região do Polo de Confecções como todo, visto que unidades produtivas com mais de dez funcionários atuando na informalidade, números preocupantes para uma região que boa parte da população sobrevive a partir da cultura de produção peças confecções.

A cooperação do entre os empresários é baixa, caracterizando um APL com um nível de individualidade elevado, isso levando em consideração as opiniões dos entrevistados deste trabalho, ou seja, torna-se um arranjo produtivo fragilizado frente à novo entrantes e ameaças de mercado, como; produtos importados, exemplo da China e Índia.

Com isso gera um “egoísmo empresarial”, a falta de orientação pelos principais atores do APL, como: Governo do estado, prefeituras municipais, torna um APL sem união entre os empresários que participam do mesmo, ou seja, diminui o seu nível de competitividade em âmbito nacional, visto na totalidade o gráfico abaixo mostra a importância dos atores que caracterizam em relação ao qualificado.

Em campo, nas visitas do Polo de Confecções do Agreste pernambucano percebe-se o poder da força da unidades fabris de confecções de toda a cadeia industrial presente, diversos empregos são gerados, praticamente todos os habitantes das cidades

desenvolvem algum tipo de atividade que supra a cadeia produtiva e toda a indústria de confecções, é visto que apesar desse boa parte da população trabalhar em torno da confecção, o poder público é ausente para esse setor, prefeituras e o governo contribuem para as cidades pesquisadas serem pobres, com o PIB per capita dessas cidades inferior ao do estado de Pernambuco.

A falta de políticas governamentais na região não implantadas pelos principais atores das cidades que complementam o Polo de Confecções, é um incentivo a informalidade e perda de competitividade para os produtos chineses, os empresários se projetam estabelecendo parceiros comerciais internos e externos do país por conta própria.

Em relação a percepção dos consumidores de matéria prima e peças confeccionadas importadas da China como um novo entrante, pode-se citar dois grupos:

O primeiro grupo: Os empresários que comercializavam produtos chineses; esse grupo valoriza os importados em comparação a qualidade dos produtos produzidos no Agreste pernambucano; *“nem todo produto da China tem qualidade baixa”* comentou uma entrevistada,

Já o segundo grupo: Grupo dos empresários que não comercializavam; tinham uma visão que a China é uma ameaça ao mercado de confecções do semiárido pernambucano.

Visto que, a cidade do polo que mais importa matéria prima chinesa (Santa Cruz do Capibaribe) é a que maior avalia como “positivo” a entrada de produtos chineses no Polo de Confecções do Agreste, já Caruaru é a cidade que mais importa produto confeccionado da China.

Quanto a produção de peças na China, a preocupação com esse entrante é avaliada de modo negativo como alternativa de competir com a China para ambos os grupos, alguns empresários têm a noção que o Brasil terá uma redução da quantidade de empregos se os produtos forem produzidos em outro país, mas alegaram que recorrem aos produtos chineses por conta da carga tributária brasileira que é elevada, com isso, elevam os custos para produção dos produtos fabricados na região, recorrendo a mão de obra chinesa lucrando em preço e competitividade.

Este trabalho tem como fundamento incentivar futuros estudos para abordar a região estudada do semiárido pernambucano, contudo poucas literaturas são voltadas ao

Polo de Confecções do Agreste pernambucano, um local de extrema importância econômica e política no Brasil, gerando diversos empregos diretos e indiretos. Na pesquisa aplicada há alguns pontos em que pode-se destacar: como o espírito empreendedor, disponibilidade e disposição da força de trabalho, maior oferta de cursos técnicos e superiores na área de confecção, onde antes o sustento por conta da agricultura, hoje, com apenas pouco maquinário é necessário para dar início a atividade de confecção, com isso surge uma alternativa de escapar da seca que assola o Agreste pernambucano no período de estiagem de chuva.

Na última década, a região se beneficiou com a abertura de novas universidades e entidades de ensino, com isso a região passa a ter uma maior demanda de mão de obra especializada para tratar do polo. Os órgãos públicos têm a função de implantar mecanismos para suprir a necessidade da região, que tem uma participação relevante no PIB pernambucano e destaque no que se refere no setor de confecções no país.

Muito empresários da região como alternativa para não perder em competitividade, mantém o preço médio dos produtos e tentaram reduzir os custos demitindo os funcionários, algo que é o efeito da “*crise*” que ronda o país no período presente.

Investir em pesquisa e desenvolvimento, marketing, assim, tornar os produtos locais mais competitivos, com novos modelos de roupas, novos métodos de comercialização, buscar novos mercados exportando produtos. Sabe-se que as dificuldades existem na região, mas o Polo de Confecções do Agreste pernambucano deve agregar melhor valor às marcas produzidas na região, com qualidade no acabamento e preço competitivos em seus produtos, aliando ao fluxo produtivo que a região tem de produzir peças de confecções em enorme quantidade.

7 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABIT – Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção, 2011. Site disponível em <www.abil.com.br> Acesso 15 maio. 2016.

ACIC-**Associação Comercial de Caruaru** <http://acic-Caruaru.com.br/conheca-Caruaru/>. Acesso em setembro 2013.

AMORIM, Alberto Henrique. Competitividade internacional do complexo têxtil brasileiro no período 1998 a 2006. **REDIGE**, v. 2, n. 1, 2011.

ARAÚJO, Carlos Augusto Lucena, PEREIRA, Clarisse Ferrão. A indústria de confecções em Pernambuco: impactos e oportunidades em um cenário pós-ATC (Acordo sobre Têxteis e Confecções) - XIII SIMPEP - Bauru, SP, Brasil, 6 a 8 de novembro de 2006.

BARROS, Alexandre Rands, **A política de clustering e a economia do Nordeste**, PIMES/UFPE, Recife: setembro/1999.

BIATO Junior, Oswaldo, A parceria estratégica sino-brasileira: origens, evolução e perspectiva (1993-2006), Brasília: FUNAG, 2010.

CAMPOS, Luís Henrique Romani, RAPOSO, Isabel Pessoa de Arruda, LEÃO, Eder Lira de Souza, FERRAZ, João Marcelo de Melo. **Análise do Mapeamento e das Políticas para Arranjos Produtivos Locais no Norte, Nordeste e Mato Grosso e dos Impactos dos Grandes Projetos Federais no Nordeste**, Arranjos Produtivos Locais no estado de Pernambuco: Mapeamento, metodologia de identificação e critérios 2010.

Caruaru (PE) **Prefeitura**. 2013. Disponível em: <http://www.Caruaru.pe.gov.br> Acesso em: setembro 2013 Data de atualização: 08/09/2013.

COSTA, ACHYLES BARCELOS DA; CONTE, NELTON CARLOS; CONTE, VALQUIRIA CARBONERA - **A China na cadeia têxtil – vestuário: impactos após a abertura do comércio brasileiro ao mercado mundial e do final dos Acordos Multifibras (AMV) e Têxtil Vestuário (ATV)**, 2013.

COSTA, Shirley; BERMAN, Debora; HABIB, Roseane Luz. **150 anos da indústria têxtil brasileira**. Rio de Janeiro: Senai-Cetiqt/Texto&Arte, 2000.

Delloite Research. Quotas End, Uncertainty continues – Understanding the impacts of the Agreement on Textiles and Clothing. Delloite Research Study, 2005.

FIEPE-Federação das Indústrias do Estado de Pernambuco Acesso em: setembro 2013 <http://www.fiepe.org.br/noticia/178-noticia.html>.

Folha de São Paulo (2012). <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/1068168-importacao-de-vestuario-no-brasil-bate-recorde.shtml> último acesso: 09 de março de 2016.

GALVÃO, O J.A, "Clusters" e Distritos Industriais: um estudo de caso em países selecionados e implicações de políticas. IN: Planejamento e Políticas Públicas. n.21 IPEA, Brasília, junho 2000. p. 3-50.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

https://www.wto.org/english/res_e/booksp_e/analytic_index_e/textiles_02_e.htm

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Disponível em www.ibge.gov.br/home/pesquisa/ 2010, último acesso maio de 2016.

IEMI. BRASIL TÊXTIL 2005 – Relatório Setorial da Cadeia Têxtil Brasileira. 2005.

INSTITUTO DE ESTUDOS E MARKETING INDÚSTRIA. **Brasil Têxtil 2013**.

INSTITUTO DE TECNOLOGIA DE PERNAMBUCO – ITEP, 2016, ITEP<http://www.itep.br/index.php/proapl/apl> Último acesso: março 2016.

LANDIM, Raquel. *Concorrência chinesa em carros é risco para o futuro*. In Valor econômico, 07 de agosto de 2006.

MATHIAS, Herculano Gomes. **Algodão no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Index, 1988.

MEDEIROS, Milka Sousa de. **Competividade via teoria da decisão**. UFPE-CAA, Caruaru, 2011.

MINISTÉRIO DE DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR (MDIC/Alice). *Sistema de análise das informações de comércio exterior*. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/sitio/alice>>. Acesso em: 12 mar. 2011.

NEGRI, Fernanda e ALVARENGA, Gustavo Varela, A primarização da pauta de exportações no brasil: ainda um dilema, abril de 2011. Disponível: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3464/1/Radar_n13.pdf.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO COMÉRCIO. **Estrutura da omc**. 2013b, disponível em: <http://www.wto.org/english/thewto_e/whatis_e/tif_e/org2_e.htm>.

Acesso em: 20 set. 2013.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO COMÉRCIO. **Membros e Observadores**.2013c,disponívelem<http://www.wto.org/english/thewto_e/whatis_e/tif_e/org6_e.htm> . Acesso em 20 set. 2013.

PEGORARO, NATASCHA PACHECO, **O IMPACTO DAS IMPORTAÇÕES CHINESAS NA INDÚSTRIA TÊXTIL DE SANTA CATARINA**, Florianópolis – 2013.

PORTER, Michael E. *Vantagem Competitiva: criando e sustentando um desempenho superior*. Tradução: Elizabeth Maria de Pinho Braga. 14ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

_____, Michael E. *A Vantagem Competitiva das Nações*. Tradução: Waltensir Dutra. 9ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

_____, Michael E. *On competition* Boston: Harvard Business Review Book, 1998.

Programa de Produção e Difusão de Inovações para a Competitividade de APLs do Estado de Pernambuco – BID (BR-L1020) **APL de CONFECÇÕES DO AGRESTE PMC do APL de Confecções Revitalizado** Recife, 11 de fevereiro de 2009.

SANTOS, Gustavo Antônio Galvão et al, **Arranjos Produtivos Locais, política industrial e desenvolvimento**. BNDES, BANCO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO, 2004.

SEBRAE-PE, **Estudo econômico do Arranjo Produtivo Local do Polo de Confecções do agraste pernambucano, 2012** Publicado: Recife, maio 2013.

SILVA, Francisco C.L. da, CRAMER, Luciana 2012. **A Rota da inovação no setor têxtil**. EDEMI 2012.

SILVA, Francisco C.L. da, FREIRE, Claudia. **PÓLO CARUARU: EXPANSÃO DO MERCADO DE TRABALHO FORMAL EM PARCERIA COM ATIVIDADES DO SETOR INFORMAL**. I ENDAP.UFPE, 2011.

SILVA, Onassis Felipe da. **Empreendedorismo e inovação, ferramentas para o desenvolvimento do Polo de Confecções de Caruaru**. Entrepreneurship and innovation tools for the development of polo making Caruaru. SOBER NE, 2014.

SOARES, EDUARDO COELHO MAXNUCK & CASTILHO, MARTA DOS REIS, **O impacto das importações chinesas na indústria brasileira nos anos 2000**,

Anpec, 2014.

STEIN, Stanley J. **Origens e evolução da indústria têxtil no Brasil – 1850/1950.** Rio de Janeiro: Editora Campus LTDA, 1979.

SULEIMAN, Amanda Battaglini. O salto econômico da China: Crescimento e Mudança, São Paulo, 2008. Disponível em: http://www.faap.br/faculdades/economia/pdf/monografias/amanda_battaglini.pdf

Acesso em 25 set. 2013.

TEIXEIRA, Francisco MP. **A história da indústria têxtil paulista.** Sinditêxtil-SP, 2007.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** 10. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

VIANA, Fernando Luiz Emerenciano. A Indústria Têxtil e de confecções no Nordeste: Características, desafios e oportunidades. ETENE/BANCO DO NORDESTE. Fortaleza: 2005.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** Porto Alegre: Bookman, 2001. Pág.178.

ZAMCOPÉ, Fábio Cristiano; ENSSLINI, Leonardo; ENSSLINI, Sandra Rolim; DUTRAII, Ademar **Modelo para avaliar o desempenho de operadores logísticos – um estudo de caso na indústria têxtil.** Gest. Prod. vol.17 no.4 São Carlos Oct./Dec. 2010.

APÊNDICE A
MODELO DO INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

FORMULÁRIO DE ENTREVISTA

Nome da empresa:

Responsável:

Local da empresa:

I CARACTERIZAÇÃO DA EMPRESA

- 1). Tem CNPJ () Sim
() Não
- 2) Número de funcionários:

II CARACTERIZAÇÃO DO APL POLO DE CONFECÇÕES

3). Relacionamento com outros empresários nas cidades (Caruaru, Toritama, Santa Cruz do Capibaribe, etc.), concorrentes ou não:

- () Cooperação no problema um do outro
- () Compra conjunta de maquinário
- () Empréstimos de máquinas
- () Fez compra conjunta de tecidos para baratear os preços
- () Nenhuma das alternativas

4). Atribuindo uma nota de 1 a 5, (1 péssimo, 5 ótimo) para a participação da entidade para o sucesso do comércio no polo do Agreste.

	1-Péssimo	2-Ruim	3-Regular	4-Bom	5-Ótimo
Governo do estado	()	()	()	()	()
Prefeitura	()	()	()	()	()

SEBRAE e universidades	()	()	()	()	()
Sindicatos, ex: Sindvest.	()	()	()	()	()
Associações comerciais (ACIC)	()	()	()	()	()
Próprios empresários	()	()	()	()	()

5). Avalie, usando a escala (baixa, regular e alta), quais dificuldades presentes no APL de confecções?

	Baixa	Regular	Alta
Dificuldade de exportação	()	()	()
Ausência de políticas governamentais	()	()	()
Carga tributária elevada	()	()	()
Mão de obra sem qualificação	()	()	()
Pouca cooperação entre os empresários	()	()	()

III IDENTIFICAÇÃO DA CONCORRÊNCIA EXTERNA

6). Aumentou a concorrência aos produtos localmente em 2015 em relação aos importados;

() Sim

() Não

() Não Sei

7). Compra matéria prima importada (aviamentos, tecidos): () Sim () Não;

Origem:

8). Compra peças de confecções importadas (camisas, calças): () Sim () Não;

Origem:

9). Em relação ao ano anterior tendo como base 2015, a empresa:

	Aumentou	Mesmo nível	Diminuiu
Faturamento	()	()	()
Número de funcionário	()	()	()
Preço médio do produto	()	()	()
Diversidade de produtos	()	()	()
Qualidade dos produtos	()	()	()

10) Como você analisa o impacto chinês em reação aos produtos que são comercializados Polo de Confecções do Agreste, qual a influência dos fatores abaixo como diferenciais dos produtos chineses?

	Positivo	Regular	Negativo
Qualidade no acabamento do produto	()	()	()
Preço	()	()	()

Custo	()	()	()
Abundancia de mão de obra	()	()	()
Outros fatores (tempo, logística)	()	()	()

11). Qual alternativa você realiza para competir com a influência chinesa no Polo de Confecções;

	SIM	NÃO
Investir em infraestrutura (fábricas, lojas).	()	()
Capacitação da mão de obra.	()	()
Compra máquinas.	()	()
Terceiriza os serviços.	()	()
Exporta produtos	()	()
Fabricar na China os produtos.	()	()

Universidade Federal de Pernambuco

Núcleo de Gestão Curso de Administração

Prof.^a orientadora Alane Alves Silva

Graduando: Onassis Felipe da Silva onassis_felipe@hotmail.com

Fone: (81) 997723814